



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE PALMAS CURSO DE GRADUAÇÃO EM
JORNALISMO**

SILENE LIMA DA SILVA

**WEBJORNALISMO: A literacia dos profissionais do jornalismo em relação às
novas mídias em sua rotina produtiva**

PALMAS/TO

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE PALMAS CURSO DE GRADUAÇÃO EM
JORNALISMO

SILENE LIMA DA SILVA

**WEBJORNALISMO: A literacia dos profissionais do jornalismo em relação às
novas mídias em sua rotina produtiva**

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Palmas, Curso de Jornalismo para obtenção do título de graduação e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Professora Dra. Liana Vidigal.

PALMAS/TO
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S586w Silva, Silene Lima da.
Webjornalismo: A literacia dos profissionais do jornalismo em relação às novas mídias em sua rotina produtiva . / Silene Lima da Silva. – Palmas, TO, 2022.
83 f.
Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Jornalismo, 2022.
Orientadora : Liana Vidigal Rocha
1. Webjornalismo. 2. Literacia em tecnologia. 3. Profissão jornalística. 4. Novas mídia. I. Título

CDD 070

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

SILENE LIMA DA SILVA

**WEBJORNALISMO: A LITERACIA DOS PROFISSIONAIS DO JORNALISMO
EM RELAÇÃO ÀS NOVAS MÍDIAS EM SUA ROTINA PRODUTIVAS.**

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT –
Universidade Federal do Tocantins – Campus
Universitário de Palmas, Curso de Jornalismo
para obtenção do título de graduação e aprovada
em sua forma final pelo Orientador e pela Banca
Examinadora.

Data de aprovação: 14 de fevereiro de 2022.

Banca Examinadora



Documento assinado digitalmente
Liana Vidigal Rocha
Data: 22/02/2022 17:20:20-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof.^a

Dr.^a Liana Vidigal Rocha, UFT

Prof.

Me. Alan Milhomem da Silva, UFSC



Documento assinado digitalmente
ALICE AGNES SPINDOLA MOTA
Data: 22/02/2022 13:46:46-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof.^a

Dr.^a Alice Agnes Spindola Mota, UFT

Palmas
2022

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos, primeiro e acima de todos, à Deus, por me permitir vida e saúde para eu poder cursar jornalismo, numa universidade pública (UFT), coisa que para muita gente ainda é muito difícil. Como isso mudou a minha vida, me trouxe tanta experiência e conhecimento!

Agradeço muito ao meu filho, Vinícius Silva C. Rodrigues que tanto me ajudou no decorrer de todo o curso com ideias e sugestões para os trabalhos e também sempre me auxiliou em relação ao uso da tecnologia e me deu total apoio para que eu realizasse esse meu projeto de vida.

Também agradeço muito a todos os amigos (as) e as pessoas que sempre me ajudaram a conseguir fontes para minhas matérias, ou de alguma outra forma estavam sempre presentes. Agradeço à todos os meus colegas de curso, os que começaram comigo em especial, Carlos Borges, Aurenice Menezes, Kleidiane Araújo, Cleber Messias, Gabriel Pereira, Leydiane Lima, Karine de Souza, entre outros e os que fui encontrando pelo caminho. Todos têm sua parcela de contribuição no meu crescimento.

Obrigada também a todos os professores do curso de jornalismo dessa universidade. Todos contribuíram com minha formação. Uns, um pouco mais, outros um pouco menos, mas todos contribuíram. Agradeço imensamente à professora Valquíria Guimarães, coordenadora do curso. Para mim foi uma alegria imensa e uma honra tê-la conhecido e com ela convivido esses quatro anos, pois ela é admirável como profissional e como pessoa também.

E por fim, meu agradecimento especial é para a professora Liana Vidigal, minha orientadora. Foram valiosíssimos todos os momentos com ela. Tanto os momentos das aulas quanto os encontros da orientação. Foram momentos de muita aprendizagem e alegria para mim. Sempre a admirei e a achei uma professora incrível. Super competente, inteligente, alegre e bem humorada. Minha imensa gratidão a todos(as).

RESUMO

Esta pesquisa que é básica, qualitativa e exploratória, tem como objetivo investigar se existem, na rotina produtiva dos profissionais do webjornalismo, possíveis dificuldades em lidar com novas mídias e ferramentas de tecnologia e se o fator idade interfere nessa questão. Para isso foram realizadas nove entrevistas estruturadas com jornalistas tocantinenses atuantes em diferentes portais de notícias por todo o estado. Após a realização das entrevistas e análise do conteúdo de suas respostas, ficou claro que existe sim, uma dificuldade maior, no manuseio das ferramentas tecnológicas, para os jornalistas mais experientes (com mais idade). Mas constatou-se, também, e ao mesmo tempo, que a tecnologia é uma grande aliada na rotina produtiva dos jornalistas.

Palavras-chaves: Webjornalismo. Literacia em tecnologia. Profissão jornalística. Novas mídias.

ABSTRACT

This basic, qualitative and exploratory research aims to investigate whether, in the productive routine of web journalism professionals, there are possible difficulties in dealing with new media and technology tools and whether the age factor interferes with this issue. For this, nine structured interviews were carried out with journalists from Tocantins working in different news portals throughout the state. After conducting the interviews and analyzing the content of the interview responses, it became clear that there is indeed a greater difficulty in handling technological tools for more experienced (older) journalists. But it was also found, and at the same time, that technology is a great ally in the productive routine of journalists.

Key-words: Web journalism. Technology Literacy. Challenges. Journalistic profession.
New media

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Pirâmide Deitada	21
Figura 2 - Pirâmide Invertida	22
Figura 3 - Termos do grupo 01 (entre 25 e 34 anos)	51
Figura 4 - Termos do grupo 02 (entre 35 e 45 anos)	53
Figura 5 - Termos do grupo 03 (acima de 45 anos)	55
Figura 6 - Termos comuns aos grupos	58

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Identificação dos profissionais	38
Quadro 2 - Compilação das respostas	41

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. JORNALISMO CONTEMPORÂNEO.....	13
2.1 Breve resgate do jornalismo contemporâneo	13
2.2 O cenário jornalístico na era da web	16
2.3 A produção da notícia webjornalística	19
3. FORMAÇÃO E PROFISSÃO JORNALÍSTICAS.....	25
3. 1 A formação jornalística	25
3. 2 A profissão jornalística	29
3.3 A Literacia dos jornalistas em relação à tecnologia	34
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	38
5. DESAFIOS DOS PROFISSIONAIS DO JORNALISMO NO USO DAS	41
FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS.....	41
5.1 Sobre as respostas dos Entrevistados	41
5.2 – Semelhanças e divergências entre os profissionais	57
5.2.1 - Grupo 1. (Jornalistas entre 25 e 34 anos)	57
5.2.2 - Grupo 2. (Jornalistas entre 35 e 45 anos)	59
5.2.3 - Grupo 3. (Jornalistas acima de 45 anos).....	61
5.3 Comparação entre os grupos	64
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
7. REFERÊNCIAS	69
8. APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTAS	73
9. APÊNDICE B - ENTREVISTAS.....	74

1. INTRODUÇÃO

Webjornalismo não é apenas o jornalismo on-line. Essa forma de jornalismo apresenta características específicas. Tem como principais características a instantaneidade, algo não duradouro, apesar dos links utilizados para acesso dos usuários ficarem disponíveis. O imediatismo e a interatividade que é a participação do leitor e se dá basicamente por meio da expansão das novas tecnologias de comunicação. A rapidez desse segmento do jornalismo para atender a expectativa de um público ávido por consumir notícias em primeira mão, exige do jornalista uma atenção maior quanto à produção da notícia. Isso exige desse profissional habilidade no uso das ferramentas de tecnologia que se inovam a todo momento.

As inovações tecnológicas e sociais provocadas pelas mídias digitais e pela internet, alteraram significativamente o fazer jornalístico. Há, portanto, curiosidade, por parte dos leitores, e dos acadêmicos em jornalismo, quanto às rotinas produtivas e práticas jornalísticas atuais, visto que estas práticas trazem novos aspectos, novas abordagens para esta profissão.

Pensando nisso surgiu a necessidade de um estudo, uma análise, uma pesquisa sobre esse assunto, para que o próprio jornalista dissesse quais os desafios enfrentados por eles no seu dia-a-dia, na sua rotina de trabalho, para conseguirem acompanhar as alterações e mudanças no uso das plataformas e mídias digitais.

E, a partir desses resultados, quem sabe, trazer alguma contribuição para outros projetos ou para os próprios profissionais e, até mesmo, para os veículos. E também oferecer uma leitura mais crítica sobre o atual cenário do mercado de trabalho e da prática jornalística.

Este trabalho se propôs ir além de uma pesquisa sobre webjornalismo. Se propôs investigar profundamente estes profissionais, para que a partir dos resultados, se pudesse contribuir com a rotina produtiva e profissão jornalística que é a área de conhecimento da qual este trabalho pertence e que será enriquecida com essa pesquisa. Então partimos do seguinte problema: para os jornalistas do webjornalismo, experiência profissional (o fator idade), interfere em nível de dificuldade ou facilidade em relação ao uso das novas mídias e ferramentas tecnológicas? E já deixamos claro que nessa pesquisa optou-se por não trabalhar com nenhuma hipótese para esse problema.

O objetivo geral desse trabalho é conhecer e analisar os desafios dos profissionais do webjornalismo e investigar se existem, em sua rotina produtiva, possíveis dificuldades em lidar com novas mídias e ferramentas de tecnologia. E os objetivos específicos são: a) apresentar informações sobre o cenário webjornalístico tocantinense; b) discutir sobre a literacia dos

jornalistas em relação à tecnologia na era da convergência; c) comparar os dados obtidos por meios das entrevistas a fim de perceber se a idade do profissional interfere no uso da tecnologia.

Como objeto, essa pesquisa usou nove profissionais do webjornalismo de diferentes veículos de notícia do estado do Tocantins. Portanto faz-se necessário, trazer aqui, um pouquinho do cenário midiático local. A mídia no Tocantins nasceu oficialmente, em 1989, a partir do poder público com a criação da Comunicatins (Companhia de Comunicação do Estado do Tocantins), tendo o governo do Estado como acionista majoritário (ROCHA, SOARES E ARAÚJO, 2014). O setor privado tem sido, ao longo desses anos, dominado pela Organização Jaime Câmara (OJC), grupo originalmente nascido em Goiânia, mas que sempre atuou no então norte goiano.

De acordo com ROCHA (2018), no decorrer dos anos, o Jornal do Tocantins se consolidou como o principal jornal impresso do estado. No ano 2000, o veículo passa a contar com uma versão on-line e, em 2010, relança o site oferecendo informações além do conteúdo impresso. No decorrer do tempo, por todo o estado, outros sites começaram a fazer parte do ciberespaço, como o Portal O Norte (Araguaína), Cock1 (Gurupi), TocNotícias (Tocantinópolis), Centro Norte Notícias (Pedro Afonso), entre outros.

Optou-se pela pesquisa qualitativa, já que se preocupa com o aprofundamento da compreensão de um grupo social. Quanto à natureza, esta pesquisa é básica, pois tem a finalidade de gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da ciência, sem aplicação prática prevista. É descritiva e exploratória, pois envolve: levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e análise de exemplos que estimulem a compreensão (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

Foram entrevistados nove jornalistas do webjornalismo de diversos portais do estado do Tocantins, sendo três do G1 Tocantins, uma do Jornal do Tocantins, uma do T1 Notícias, uma da Gazeta do Cerrado, um da Voz do Bico, um do Cock Notícias e um do Portal CNN.

O tipo de entrevista escolhido foi a estruturada, ou seja, forma feitas sete perguntas fechadas para os três grupos de profissionais que acabaram sendo divididos a partir dos seguintes critérios: por idade e nível de experiência profissional. O grupo 01, foi formado por três jornalistas entre 25 e 34 anos; o grupo 02, por três jornalistas entre 35 e 45 anos e o grupo 03, por três jornalistas acima de 45 anos. Para que se pudesse analisar se realmente existe divergências e/ou semelhanças nas ideias e opiniões de acordo com a faixa etária e o nível de experiência destes profissionais.

Após a coleta de dados, por meio das entrevistas, foi feita a análise desses dados. Foram usados para a análise de conteúdo e o método comparativo. Os dados colhidos nas entrevistas foram interpretados e comparados observando-se as semelhanças e as divergências nas respostas dos entrevistados.

O trabalho começa abordando o jornalismo contemporâneo, no qual se traz um breve resgate do jornalismo atual, se mostra o cenário jornalístico na era da web, a importância da internet na sociedade atual, ressaltando a produção da notícia webjornalística. Em seguida é destacada a formação e profissão jornalísticas, na qual se mostra desde a origem até as condições atuais de trabalho destes profissionais e as principais ferramentas de trabalho utilizadas por eles em sua rotina produtiva, ressaltando a literacia desses profissionais. Por fim são apresentados os desafios dos profissionais do webjornalismo em relação ao uso das ferramentas tecnológicas, onde se traz a análise dos dados colhidos.

O tema foi abordado de forma crítica e comparativa, com um olhar específico para esses profissionais do jornalismo. Foi analisado seu dia a dia de trabalho diante de tantas inovações tecnológicas, se esses profissionais têm algum tipo de ajuda na literacia dessas ferramentas tecnológicas, ajuda de quem ou se não têm ajuda nenhuma. Como isso está acontecendo nas empresas de comunicação e qual é o nível de literacia e de dificuldade desses profissionais em relação a essas novas mídias de acordo com sua faixa etária e experiência.

2. JORNALISMO CONTEMPORÂNEO

2.1 Breve resgate do jornalismo contemporâneo

Ao desenvolver um breve histórico do jornalismo no Brasil, tendo como ponto de partida a sua origem e chegando até a atualidade, é possível perceber que a profissão passou por diferentes mudanças ao longo dos séculos. Nesse sentido, afirma-se ainda que o profissional jornalista precisou também se adaptar em relação às técnicas e à utilização de mídias e ferramentas que surgiram nos períodos que marcam a história do segmento.

O surgimento da imprensa no Brasil, no século XIX, é o marco histórico dessa profissão. O reconhecimento do trabalho exercido por meio do pagamento da atividade prestada, talvez seja uma das primeiras conquistas do jornalismo. O que se sabe é que desde então, essa profissão tem se transformado e conquistado muitos avanços. TRAQUINA (2005).

A imprensa no Brasil tem seu início tardiamente, não apenas se compararmos com o surgimento da imprensa em geral, mas também em relação com a sua introdução, por parte dos europeus nas áreas conquistadas do continente americano (MELO, 2003a, p.70-71).

A imprensa surge no Brasil apenas no século XIX quando a corte portuguesa fugindo das tropas francesas e espanholas de Napoleão Bonaparte vem abrigar-se no Brasil. Com essa transferência o país torna-se Reino Unido de Portugal e a sede do império português. Veja o que diz Melo (2003):

Os governantes portugueses, acantonados no Brasil durante o período de ocupação da Península Ibérica pelas tropas de Napoleão Bonaparte, providenciaram a instalação de prelos e tipografias, ensejando a circulação do primeiro jornal em língua portuguesa na América – a Gazeta do Rio de Janeiro, editada pelo Frei Tibúrcio José da Rocha. Percebendo esse oficialista, que sofre as penas da censura estatal, Hipólito da Costa lançara em Londres e enviara clandestinamente para o Brasil o jornal Correio Brasiliense, considerado o mais antigo periódico brasileiro, pela sua natureza independente e pelo seu caráter noticioso (MELO, 2003b, p. 31). A expansão do jornalismo brasileiro tem início no século XIX, principalmente com a produção de jornais impressos, porém o seu maior crescimento vai acontecer realmente no século XX, sobretudo, com o desenvolvimento de novos meios de comunicação - como o rádio e a televisão -, tendo mais tarde suas fronteiras expandidas com a chegada da internet e o surgimento do webjornalismo.

O webjornalismo, portanto, surgiu em meados dos anos de 1990 com a internet comercial, porém ainda de forma tímida. Nessa época, era considerada apenas uma ferramenta

auxiliar do jornalismo tradicional, visto que se assemelhava a uma cópia virtual dos jornais impressos. Contudo, pouco a pouco foi se ampliando, se adaptando e, hoje, mais de duas décadas após o seu aparecimento, tornou-se a forma preferida do público, principalmente o mais jovem, para obter informação.

O jornalismo contemporâneo tem passado por muitas transformações. Charron e Bonville (2004) destacam a existência de quatro tipos de jornalismo. Os autores descrevem essa tipificação a partir de uma relação funcional com modelos de sociedade que se sucedem, sobretudo, na América do Norte. Seriam eles: 1) Jornalismo de transmissão que surge no século XVII com o objetivo de transmitir informações das fontes diretamente ao seu público; 2) O jornalismo de opinião que aparece no início do século XIX e se coloca a serviço das lutas políticas; 3) O jornalismo de informação que emerge no fim do século XIX e segue o modelo de coleta de notícias sobre a atualidade; 4) Jornalismo de comunicação. Aparece nas décadas de 1970/1980 e se caracteriza pela diversificação e pela subordinação da oferta a partir das preferências do público-alvo.

De acordo com Pereira (2011), o momento atual está relacionado com as consequências desse último tipo de jornalismo, influenciado pelas pressões exercidas pela lógica comercial de uma concorrência entre publicações, suportes e mensagens.

Estariamos, portanto, vivenciando as consequências desse último paradigma jornalístico, marcado pelas pressões exercidas pela lógica comercial de uma hiperconcorrência entre publicações, suportes e mensagens. E também pela emergência de novos gêneros, rotinas e identidades profissionais, a partir de cruzamentos entre a atividade jornalística e práticas “vizinhas”, sobretudo a publicidade, o entretenimento e a comunicação (pública, organizacional e corporativa). (PEREIRA, 2011, p. 7).

Pereira (2011) acrescenta ainda que, segundo Erik Neveu (2001), a existência desse cenário, marcado pela emergência de um “jornalismo de mercado”, representaria justamente a dissolução da atividade jornalística em um amplo amálgama de profissões na área de comunicação, ilustrado pelo neologismo americano “*media worker*”. O autor diz também que os índices de tal evolução são perceptíveis no desaparecimento crescente dos limites que separariam a notícia jornalística de outros produtos comunicacionais. Por fim, ressalta que isso explica num forte componente de entretenimento que tem marcado o conteúdo jornalístico produzido pela mídia convencional (HALLIN, 1996; CHARRON e BONVILLE, 2004).

Para Renault (2013), a transformação do jornalismo e a aceleração do processo de convergência das mídias cresce em uma velocidade cada vez maior no mundo e no Brasil, por

meio de grupos de comunicação estabelecidos há décadas e outros mais recentes que partem para novas iniciativas de forma a assegurar a participação nos novos mercados consumidores, em meio a essas mudanças estruturais no jornalismo, que provocam uma transformação permanente.

Adghirni (2012, p. 66) lembra que as mudanças nas regras de produção e consumo das notícias, concorrência, publicidade e os desafios das novas tecnologias com a convergência tecnológica “provocaram transformações profundas no modo de fazer jornalismo”, como mostram estudos de Neveu (2001) e Ruellan (2006). Mudanças estruturais têm afetado a prática do jornalismo contemporâneo.

Além de cargos e funções que sobrevivem até hoje, como repórter, editor, secretário e chefe de redação, havia nas redações o repórter auxiliar, de setor, noticiarista, redator auxiliar. Havia também o pauteiro, responsável pelas indicações do que seria apurado durante o dia; o tituleiro, especialista em fazer títulos em um tempo em que os jornais eram diagramados pelo diagramador – com cálculos manuais para “fechar” os espaços de textos e fotos, paginados (montados), por sua vez, pelo paginador, em páginas no formato que seria encaminhado à seção de fotolito, antes de ir para impressão; e ainda o revisor, responsável pela correção dos erros ortográficos e gramaticais (RENAULT, 2012, p. 104).

Ainda de acordo com Renault (2013), o que se vê hoje é um mesmo profissional exercendo múltiplas funções, o chamado jornalista multimídia, que é acossado por uma maior carga de trabalho e rigorosa pressão para cumprir os diversos prazos de forma a atender aos serviços especializados para assinantes e aos próprios sites dos jornais, além dos impressos no dia seguinte.

Para Fonseca e Kuhn (2009, p.59), em função “dessas novas demandas do mercado, as empresas com perfil multimídia perseguem um profissional com habilidades igualmente multimídia, tanto na contratação quanto na requalificação/treinamento dos seus quadros profissionais”. Enfim, um mesmo profissional que deve “dominar a técnica de modo a produzir conteúdos para televisão, rádio, jornal e internet” (FONSECA e KUHN, 2009, p. 59).

Convergência jornalística é a irreversibilidade da chamada convergência das mídias, a “fusão dos mercados impressos, televisivo, radiofônico e eletrônico, utilizando-se de tecnologias portáteis e interativas, por meio de plataformas de apresentação digital”, como definem Jorge e Adghirni (2010).

E vive-se a convergência jornalística, em meio à implantação generalizada das tecnologias digitais de telecomunicação, que, além de afetar os aspectos “tecnológico,

empresarial, profissional e editorial dos meios de comunicação”, fazem com que os jornalistas produzam conteúdos diversos, distribuídos por múltiplas plataformas, cada uma com sua linguagem própria, o que propicia uma “integração de ferramentas, espaços, métodos de trabalho e linguagens anteriormente segregados” (JORGE e ADGHIRNI, 2010, p.113).

Essas mudanças estruturais no jornalismo aconteceram a partir da popularização da internet e suas diversas possibilidades. A criação e popularização da internet, segundo Avelar (2015, p. 7), por si só, marcaram a comunicação do século XX, encurtando distâncias e ampliando o universo do jornalista, mas o fenômeno atual se dá no número, cada vez maior de novas plataformas, mídias e softwares disponíveis no mercado. São smartphones, tablets e aplicativos que, somados à ampla gama de possibilidades que a internet traz consigo, modificaram completamente as linguagens e práticas do jornalismo.

2.2 O cenário jornalístico na era da web

Na sociedade atual, a internet configura-se como parte importante fazendo com que atividades relevantes ao seu desenvolvimento social estejam condicionadas a ela, suas ferramentas e particularidades. O jornalismo, visto como formador de opinião e mediador entre público e instituições públicas, é hoje, uma dessas atividades totalmente voltadas à web. Entretanto, o segmento ainda sofre modificações para explorar as potencialidades oferecidas pelo meio on-line.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a atividade jornalística sente a necessidade de modificar técnicas de produção de conteúdos, apuração das informações, publicações, entre outras para poder adequar-se. Portanto, o jornalismo, que já ocupava as páginas dos jornais impressos, o rádio e a televisão, passou a apropriar-se, então, do espaço na internet que ficou conhecido como webjornalismo, o jornalismo produzido com ferramentas digitais e para a web. (LOPES e BONISEM, 2019).

Torres (2007) regressa à palavra composta com web e jornalismo e considera pacífica uma definição do jornalismo enquanto atividade que tem por objetivo divulgar informação, classificando-a de acordo com critérios de novidade, ou melhor ainda, a “atividade de divulgação mediada, periódica, organizada e hierarquizada de informações com interesse para o público” (SOUSA, 2003). Assim, afirma-se que webjornalismo nos remete para a atividade de divulgar informação através de redes telemáticas da internet.

De acordo com Castells (2015), em uma sociedade em rede, cuja “estrutura social é construída em torno de redes ativadas por tecnologias de comunicação e de informação processadas digitalmente”, as tecnologias e as redes são meios de colocar em prática tendências de estrutura social. Portanto, tecnologias de comunicação digital e sistemas de informação são elementos centrais na sociedade atual.

Há, portanto, a ideia de que o webjornalismo é apenas o jornalismo feito de forma online, mas, na verdade, não é apenas isso. Essa forma de jornalismo apresenta características específicas, como uma linguagem diferente que requer leveza e cuidados com o aspecto visual da notícia. O texto precisa ser atraente e deve passar, ao leitor, a mesma credibilidade que qualquer outro veículo de comunicação, ou seja, precisa ter qualidade. E uma característica peculiar dessa forma de jornalismo é a participação do leitor.

Dalmonte (2009, p. 6), ao explicar o entendimento dessa modalidade de jornalismo na rede, destaca que alguns pesquisadores se dedicam a estudar suas características, como Bardoel e Deuze (2000) e Palacios (2002), que apontam as seguintes particularidades: multimidialidade, para quem Salaverría (2014) define três interpretações: como multiplataforma, polivalência e combinação de linguagens: “à combinação de pelo menos dois tipos de linguagem em apenas uma mensagem”. Abadal e Guallar (2010) voltaram a definir a multimedialidade como “a utilização conjunta de formas básicas de informação, isto é, texto, som e imagem fixa e animada, no mesmo ambiente e de forma justaposta ou integrada”.

A interatividade que, na visão de Rost (2014, p. 53), é “um conceito ponte entre o meio e os leitores/utilizadores, porque permite abordar esse espaço de relação entre ambas as partes e analisar as diferentes instâncias de seleção, intervenção e participação nos conteúdos do meio”.

E a hipertextualidade que, para Canavilhas (2014, p. 4), na Web o texto jornalístico deixa de ser um mero conjunto de palavras e frases para tornar-se uma “tessitura informativa formada por um conjunto de blocos informativos ligados através de hiperligações (links), ou seja, um hipertexto”.

Para efeito de entendimento, o webjornalismo é classificado como de primeira, segunda e terceira gerações, segundo John Pavlik (2001, p. 43), que propõe essa distinção tendo por parâmetro a produção e a disponibilização de conteúdos, cuja base é o uso dos recursos multimídia da Web.

Para o autor no primeiro estágio, os jornais somente republicam seus conteúdos da

“nave-mãe” (PAVLIK, 2001, p.43) no on-line. No segundo estágio, os jornais já publicam conteúdos originais e os complementam com fotos, vídeos, hiperlinks, etc. E o terceiro estágio, para ele, é identificado por conteúdos produzidos especialmente para a web, pensando-a “como um novo meio de comunicação” (PAVLIK, 2001, p.43) e tirando, mais amplamente, proveito das possibilidades da rede.

Nessa sequência de estágios, Barbosa (2008) fala de um webjornalismo de quarta geração, em que as bases de dados têm papel fundamental neste contexto convergente. Para a autora (2008, p. 9), “o cenário no qual emerge a quarta geração do ciberjornalismo é marcada pela consolidação das bases de dados como estruturantes da atividade jornalística e como agentes singulares no processo de convergência jornalística”. Barbosa destaca a propagação de plataformas móveis, da globalização, das equipes mais atualizadas, das narrativas multimídias, entre outras características que contextualizam o cenário emergente dessa nova geração de ciberjornalismo. Santi (2009, p. 187), em uma apropriação de temática da autora, compila o conceito:

(...) o webjornalismo de quarta geração (4G) vai se utilizar de banco de dados que, devido à tecnologia internet, junto com as linguagens de programação muito dinâmicas, passaram a gerar páginas que somente existem devido às solicitações do usuário ao navegá-las; e/ou telas que podem apresentar áreas de informações flexíveis em estruturas que possibilitam a correlação de dados e de campos informativos (SANTI, 2009, p. 187).

Segundo Nunes (2016), o ciberjornalismo ou webjornalismo de quarta geração dialoga com o cenário vigente de múltiplas telas, da mobilidade, mas não se detém sobre as apropriações e iniciativas específicas deste âmbito móvel. Esta geração coloca as bases de dados em evidência como um propulsor de mudanças, que estão, como afirma Barbosa (2008), em consonância com necessidades sociais, utilizando como referência ao pensamento de Williams (2005).

Barbosa (2013) vislumbra também, a emergência de uma quinta geração do jornalismo digital, com características próprias. Para Nunes (2016), os produtos desta geração possuem particularidades e apresentam possibilidades jornalísticas não pertencentes às outras quatro gerações. E a partir da análise feita, afirma que caminhamos para uma quinta geração de jornalismo digital, cujas características estão ligadas às iniciativas móveis e já possuem certos delineamentos possíveis de serem vislumbrados a partir do produto/*apps* dos jornais: a) independência do espaço web; b) mobilidade; c) amplificação do potencial off-line; d) construção visual, de organização de conteúdo, hierarquização noticiosa e design gráfico com forte influência dos veículos jornalísticos de papel.

De acordo com Copobianco e Barros (2018), o conceito de convergência midiática aparece nos estudos sobre webjornalismo fundamentalmente enquanto um fenômeno possibilitado pela internet e a sua característica de multimidialidade. O jornalismo, seus processos e suas narrativas, passam então a se orientar pela característica potencializada da web: a hipertextualidade (PALÁCIOS, 2002).

Neste cenário hipertextual, os recursos de áudio, (da mídia tradicional rádio), de vídeo (da mídia tradicional TV) de texto (da tradicional mídia impressa) e de imagens (do fotojornalismo) podem ser utilizados nos processos e nas narrativas jornalísticas, de maneira convergente, multimídia. De acordo com Canavilhas (2014), as características do webjornalismo são hipertextualidade, multimidialidade, interatividade, memória, instantaneidade, personalização e ubiquidade.

Copobianco e Barros (2018) ressaltam ainda que a partir das múltiplas possibilidades dos dispositivos tecnológicos como os smartphones, – e de suas orientações políticas e visão de mundo e de jornalismo – estas mídias reinventam a prática e a narrativa jornalística.

Para além da existência física destes dispositivos tecnológicos entre os indivíduos – atualmente existem cerca de 208 milhões de smartphones no Brasil, média de um por habitante de acordo com o Centro de Tecnologia de Informação Aplicada da FGV-EAESP, em 2017 –, é preciso enfoque para os processos e práticas dos sujeitos sociais para com estes dispositivos. Neste cenário, é pertinente o alerta de Primo (2013, p. 26) para se olhar o que chama de “condições de interação”. “É preciso investigar-se as interações, as associações, e não simplesmente os recursos das tecnologias”.

A mobilidade proporcionada pela tecnologia cada vez mais avançada que amplia o tempo dos profissionais do jornalismo em detrimento das notícias, também favorece ao leitor internauta proporcionando-lhe maior acesso à notícia no uso das mídias digitais. Além dessa mobilidade, as ferramentas tecnológicas também contribuem com o trabalho do jornalista na redação ampliando a capacidade de pesquisa e de produção de informação. A produção da notícia webjornalística é assunto do próximo item desse trabalho.

2.3. A produção da notícia webjornalística

Para compreender o processo de produção da notícia em webjornalismo, é necessário antes entender o que é notícia e como ela se configura. Segundo Gadini (2007), o paradigma que compreende a notícia como construção social da realidade surge basicamente entre o final

dos anos de 1960 e início da década de 1970. Seu pressuposto básico é de que a notícia, à medida que “presentifica” o acontecimento a que se remete, também o constrói e, assim, participa do processo de instituição da realidade social. Nas palavras de Nelson Traquina (2001, p. 60), “as notícias são resultado de um processo de produção, seleção e transformação de uma matéria prima, os acontecimentos, num produto, as notícias”.

Ainda de acordo com Gadini (2007), a existência e publicação, por vezes isoladas, de discussões em torno das variadas propostas teóricas e tendências do jornalismo contemporâneo ganharam uma sistematização feita por Traquina (2001), que apresenta um mapa das principais abordagens e conceitos sobre a produção jornalística no século passado, quando o autor propõe uma leitura do jornalismo com base em cinco orientações que norteiam a história da produção da notícia. Segundo Traquina (2001), as cinco teorias do jornalismo são:

1) Teoria do Espelho: nesta abordagem, as notícias são vistas como o espelho da realidade. Os jornalistas acreditam que os acontecimentos ocorrem “fora” e que a eles lhes cabe o relato dos fatos e a transmissão de informações relevantes, sendo ele, apenas um comunicador desinteressado;

2) Teoria da Ação Social Pessoal ou Teoria do Gatekeeper: atribui ênfase à percepção e seleção individual do jornalista, caracterizando essa seleção como subjetiva e decorrente dos valores do jornalista/selecionador. Trata-se de uma abordagem micro sociológica, no nível do indivíduo;

3) Teoria Organizacional: a ênfase recai na notícia como relato resultante dos condicionantes organizacionais. Nas palavras do autor, “as notícias são o resultado de um processo de produção, definido como percepção, seleção e transformação de uma matéria prima, os acontecimentos, num produto, as notícias” (Traquina, 2001, p. 60). Na analogia de Pena (2010) para descrever a teoria, assim como o produto de uma pizzeria são pizzas, o produto de uma empresa jornalística são notícias.

4) Teoria da Ação Política e da Notícia como construção social: tem como ponto principal a relação entre jornalismo e sociedade, debruçando-se sobre as implicações políticas e sociais da atividade jornalística e o papel social das notícias;

5) Teoria Construcionista (estruturalista e interativista): esta linha de investigação concebe como impossível os media simplesmente refletirem à realidade através da notícia, como propõe a Teoria do Espelho, pelo simples fato de que as próprias notícias ajudam a construir a realidade.

De acordo com Rublescki (2010), por esta abordagem, as notícias sistematicamente distorcem a realidade, face aos interesses políticos dos agentes sociais, embora pudessem ser o seu espelho. Sousa, em uma releitura de Traquina (2005), aponta que:

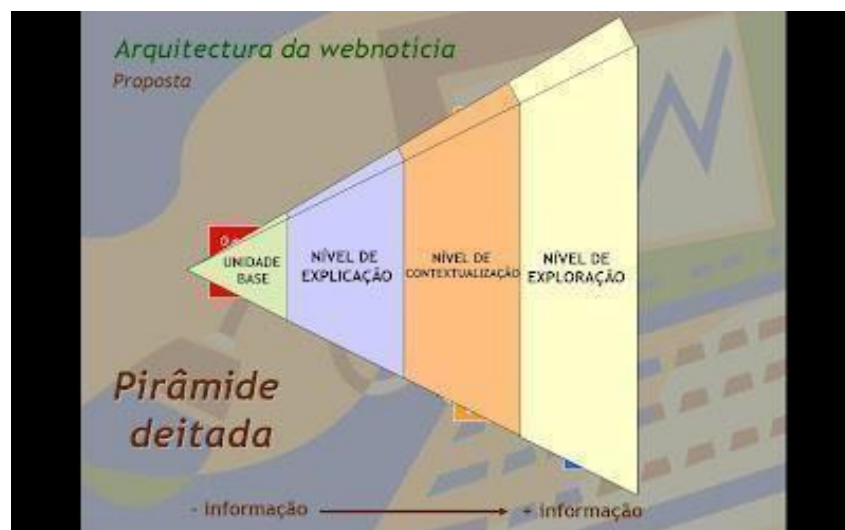
Há duas versões dessa “teoria”. Uma delas afirma que as notícias são dissonantes da realidade porque os jornalistas, sem autonomia, estão sujeitos a um controle ideológico e memo conspirativo que leva os media noticiosos a agirem como um instrumento ao serviço da classe dominante e do poder. Por isso para esses teóricos as notícias dão uma visão direitista liberal e conservadora do mundo e contribuem para a sustentação do status quo. A outra versão sustenta que os media noticiosos são instrumentos da ideologia dos jornalistas. Estes são vistos como quase totalmente autônomos em relação aos diversos poderes. As notícias seriam enviesadas da realidade porque reflectem as convicções ideológicas e políticas dos jornalistas e das suas ideologias profissionais. Como os jornalistas, para esses pensadores, são maioritariamente de esquerda, as notícias tendem a privilegiar uma visão esquerdista do mundo (SOUSA, 2002, p. 4-5)

Com base na reflexão desenvolvida por Gaye Tuchman (1983), Traquina lembra que a teoria interacionista, também conhecida como etno-contrucionista pela aproximação conceitual, “encara o processo de produção das notícias como interativo onde diversos exercem um papel ativo no processo de negociação constante”. (TRAQUINA, 2001, p. 64).

No que diz respeito à produção da notícia, é necessário ter cuidado com as técnicas de redação. Saber que formato de texto é mais apropriado para cada segmento do jornalismo é importância para o profissional. Por exemplo, saber quando se deve usar a pirâmide invertida e quando usar a pirâmide deitada deve ser uma preocupação para o jornalista, sobretudo, para aquele que atua no meio on-line.

A pirâmide deitada surgiu para adaptar a técnica de pirâmide invertida para a leitura em blocos de informação ligados por hiperlinks. É, portanto, apropriada ao webjornalismo, segmento que não apresenta limite de caracteres podendo, assim, explorar e aprofundar as informações no texto sem ter a preocupação de respeitar espaço.

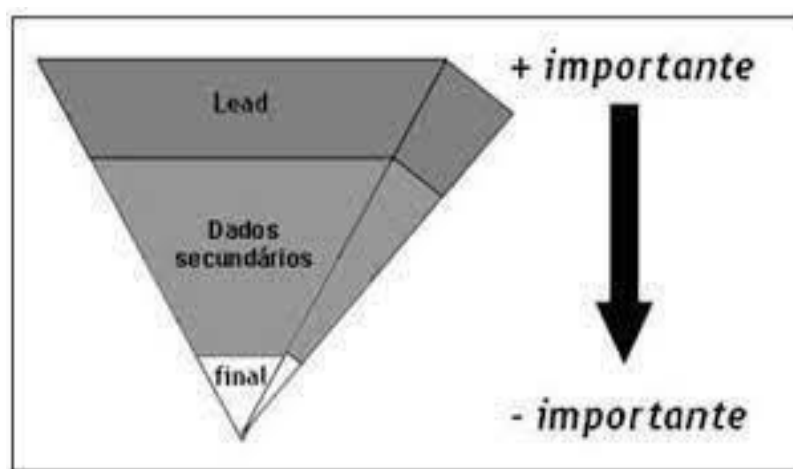
Figura 1 - Pirâmide Deitada



Fonte: <https://gjol.net/2007/10/a-piramide-deitada-como-alternativa-a-piramide-invertida/>

Pirâmide Deitada é a técnica que consiste em construir uma narrativa linear, que se constrói a partir do conteúdo exposto no Lide. A linearidade do texto conduz o leitor a ter mais curiosidade e, assim, se atrair mais pela leitura do conteúdo completo.

Figura 2 - Pirâmide Invertida



Fonte: https://www.google.com/search?sa=X&rlz=1C1CHZN_pt-BRBR979BR979&source=univ&tbm=isch&q=Pir%C3%A2mide+invertida+o+que+%C3%A9&fir=EScLX6hohXk2aM%252CDFqLQLZIEu0ivM%252C_%2

Pirâmide invertida é uma técnica de redação jornalística que já traz de início a apresentação direta do conteúdo nos dois primeiros parágrafos. Ou seja, falar logo de cara a que se veio, expondo as principais informações sobre o tema, para que o leitor saiba logo de o que vai encontrar ao longo do texto. A redação de uma notícia começa pelos dados mais importantes – a resposta às perguntas O quê, quem, onde, como, quando e por quê – seguido de informações complementares organizadas em blocos decrescentes de interesse.

(CANAVILHAS, 2011)

Para Canavilhas (2006), com o aparecimento do jornalismo na internet alguns dos pressupostos que levaram os jornalistas a adaptar técnica de redação deixam de fazer sentido devido às características da web.

Porque o espaço disponível num webjornal deixa de ser finito, anulando a necessidade de escrever condicionado pela possibilidade do editor poder efectuar cortes no texto para o encaixar num determinado espaço. Por outro lado, o hipertexto permite ao utilizador definir os percursos de leitura em função dos seus interesses pessoais pelo que a redação da notícia deve ter em conta esse factor. (CANAVILHAS, 2006, p.

1) O jornalismo, como já foi mencionado aqui, tem passado por diversas transformações. De acordo com Copobianco e Barros (2018), o contexto de mudanças no jornalismo e seus processos, de acordo com os autores apresentados (SILVA, 2013a, 2013b; JORGE; 2013; LONGHI; D' ANDREA, 2012), assim como entre os estudiosos do jornalismo digital (CANAVILHAS, 2014; PALÁCIOS, 2002; BARBOSA, 2013), tem como elemento central a tecnologia e seus avanços. Traquina (2011) afirma que um conhecimento histórico do jornalismo mostra que do tambor aos satélites, esta atividade foi sempre profundamente transformada pelas inovações tecnológicas.

Chaparro (2003) também considera que o jornalismo vive um momento de profundas transformações, notadamente marcadas pelos avanços tecnológicos. Para o pesquisador, a principal mudança nos processos jornalísticos dos últimos 20 anos, foi o que ele intitula de revolução das fontes.

As fontes deixaram de ser pessoas que detinham ou retinham informações. Passaram a ser instituições produtoras ostensivas dos conteúdos da atualidade – fatos, falas, saberes, produtos e serviços com atributos de notícia. Pensam, agem e dizem pelo o que noticiam, exercitando aptidões que lhes garante espaço próprio nos processos jornalísticos, nos quais agem como agentes geradores de notícias, reportagens, entrevistas e até artigos (CHAPARRO, 2003, p. 49).

Chaparro (2003) acrescenta que vivemos em uma dinâmica de produção ostensiva e descentralizada de conteúdo. As mídias tradicionais, marcadas pela estrutura de monopólio no Brasil, deixam de ser as fundamentais produtoras de notícias e fontes de informação. Com a convergência das mídias e a emergência da web, setores marginais, instituições, pessoas, passam a ganhar formas de manifestação de seus fazeres e dizeres, ampliando e democratizando a produção e o consumo de informação.

Vive-se, hoje, a era digital, período de grandes transformações na sociedade em todo o mundo. Essas transformações afetaram completamente a comunicação. Os veículos de notícia via internet e redes sociais têm ganhado novos públicos sedentos por notícias rápidas e novas formas de interação com aquilo que leem e assistem diariamente.

Nessa era digital, a popularização da internet, dos aplicativos e das redes sociais, obrigou os profissionais de várias áreas incorporarem ao seu dia a dia novas ferramentas de trabalho. Na comunicação não é diferente. Diante da necessidade de acompanhar os interesses do público leitor, faz-se necessário que os veículos de notícia, via internet, incluam aos seus processos produtivos, novas mídias.

De acordo com (CASTELLS, 2015, p.70), em uma sociedade em rede, cuja “estrutura social é construída em torno de redes ativadas por tecnologias de comunicação e de informação processadas digitalmente”, as tecnologias e as redes são meios de colocar em prática tendências de estrutura social. Portanto, tecnologias de comunicação digital e sistemas de informação são elementos centrais na sociedade atual.

O que se vê atualmente, segundo Hand (2008), são tecnologias relacionadas à manipulação ou tecnologias pós-modernas, as quais impactam no surgimento de ambientes culturais mais amplos. A cultura digital aponta para outra materialidade; o texto deixa de ser palpável, passando a ocupar um espaço virtual e provisório, ao mesmo tempo em que passa a ser consumido através de inúmeras plataformas.

De acordo com Avelar (2015) é preciso elencar determinados pontos que justificam o uso da internet e dos demais recursos tecnológicos disponíveis no mercado no cotidiano do jornalista: rapidez na apuração e na produção da notícia, o estreitamento do contato com o leitor e a possibilidade de utilizar uma mídia como complemento de outra.

A necessidade de imediatismo e instantaneidade do público-alvo do webjornalismo ao consumir seu produto, exige do profissional da área mais e maior habilidade na construção da notícia. Constatase, portanto, que os desafios enfrentados por esses profissionais na sua rotina produtiva são recorrentes e contínuos. Daí a necessidade dessa pesquisa para se conhecer a literacia desses profissionais em relação ao uso das ferramentas tecnológicas. No próximo capítulo trataremos sobre a formação e profissão webjornalísticas.

3. FORMAÇÃO E PROFISSÃO JORNALÍSTICAS

3. 1 A formação jornalística

O profissional formado no curso de jornalismo é responsável por investigar, apurar, redigir e transmitir informações através dos meios de comunicação. Portanto, em virtude dessas múltiplas atividades que o profissional precisa desempenhar, é necessário conhecer um pouco mais sobre o processo de formação do jornalista.

De acordo com Pontes (2008), o jornalismo manteve um percurso acadêmico, ao longo do século XX, com produções que visam entender o fenômeno jornalístico. Nos Estados Unidos, os estudos em jornalismo se desenvolveram com a abertura de cursos de graduação na área promovida por Willard Bleyer, em 1903, e do curso de doutorado em jornalismo fundado pelo mesmo pesquisador em meados da década de 1920.

Já no Brasil, como aponta Meditsch (1992), os cursos de jornalismo, em sua maioria, foram rapidamente transformados em Comunicação Social diante da política do Centro Internacional de Estudos Superiores de Periodismo para a América Latina (CIESPAL). Essa tendência de transformar os estudos de Jornalismo em Comunicação teve origem nos Estados Unidos a partir da fundamentação da disciplina Comunicação por Wilbur Schvramm e pelo contexto político-estratégico que esses estudos ocuparam durante a II Guerra Mundial e a Guerra Fria (ROGERS, 1997, p. 445-495).

Para Costa (2018), não é possível falar das iniciativas em ensino de jornalismo no Brasil sem citar a presença do Ciespal, responsável pela popularização do modelo norte americano no jornalismo brasileiro através da formação profissional de jornalistas, deixando marcas no ensino superior em jornalismo assim como no jornalismo científico.

Ainda de acordo com Costa (2018), o centro se instalou em Quito, Equador, em 1958, e começou suas atividades promovendo cursos, seminários e workshops em diferentes países da América Latina para jornalistas em atividade e professores. Uma destas atividades foi o curso de Jornalismo Científico, que integrava “parte das estratégias da Unesco para furar o bloqueio existente entre cientistas e jornalistas” (MELO, 2014).

O curso foi ministrado no Chile, em 1965, para professores e profissionais atuantes no jornalismo latino-americano. Entre outras ações conduzidas pela Ciespal está a associação com o *Centro Interamericano para la Producción de Material Educativo y Científico para la Prensa* (Cimpec) na condução de pesquisas quantitativas e qualitativas sobre jornalismo científico nos países latino-americanos (L. LIMA, 2000, p. 447), e a reedição do livro *Manual de Periodismo Educativo e Científico*, em 1976. Após os primeiros cursos para jornalistas em atividade, as estratégias da entidade voltaram-se para os futuros profissionais.

Diante de um quadro, muitas vezes, de manobra política e econômica, o Brasil, por meio de suas políticas, sua economia e sua cultura, vem construindo a educação superior, e em específico, a educação superior em jornalismo. Daí a importância de se mostrar aqui, agora, a construção dos cursos de jornalismo no país ao longo do período. Sobre essa construção dos cursos Moraes Júnior (2013) escreveu:

O ensino superior de jornalismo no Brasil completou 75 anos. De lá para cá, muita coisa mudou, sobretudo, as técnicas que envolvem a profissão. Se por um lado, discutem-se os elementos técnicos, éticos e estéticos do jornalismo, do outro, um dos temas mais frequentes na academia desde o início dos cursos diz respeito à formação acadêmica dada ao profissional da imprensa (MORAES JÚNIOR, 2013, p. 98)

De acordo com Andrade (2015), apesar de ser uma luta da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) desde 1919, o curso de jornalismo foi instituído no sistema de ensino superior somente em 1943, pelo Decreto-Lei nº 5480. Assim observam-se no final dessa década as primeiras escolas de jornalismo no país: em 1947, a Escola de Jornalismo Cásper Líbero, em São Paulo, conveniada com a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; e, em 1948, o Curso de Jornalismo da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro), como apresentam Marques de Melo (1979) e Moura (2002). Esses cursos surgiram com o objetivo de formação profissional, conforme conta no arquivo 2º do referido Decreto-Lei.

Segundo Andrade (2011), a partir de 1950 os cursos de jornalismo vincularam-se aos estudos sociais aplicados, ganhando força como área autônoma do conhecimento. E houve também, nessa época, uma melhor definição do seu campo científico, como também do

desenvolvimento das empresas de comunicação. Mais tarde, já na década de 1960, esses cursos basearam-se no ensino funcionalista/empírico-técnico e instrumental das escolas norteamericanas.

Para Moura (2002), em 1962, o parecer nº 323/62 formulou o primeiro currículo mínimo para o curso de jornalismo. O documento continha tendências para a formação técnica e profissional em rádio, imprensa e televisão enquanto as disciplinas se dividiam em gerais, especiais e técnicas, na perspectiva de treinamento em estágio nas redações jornalísticas em cursos de Fotografia, Datilografia e Estenografia. Nessa época, o curso durava três anos letivos.

O parecer nº 984/65, elaborado por Celso Kelly, reformulou o currículo mínimo orientado pelo CIESPAL, mantido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO). Esse segundo currículo, baseado no anterior, implantado em 1962, indicava a formação humanística, técnica e fenomenológica, como também fazia exigência de laboratórios práticos para a confecção de jornais, programas radiofônicos e televisivos. O curso foi ampliado para quatro anos letivos e foram acrescentadas algumas disciplinas como: Teoria da Informação, Jornalismo Comparado e Redação de Jornalismo e o Desdobramento de História e Geografia do Brasil em História do Brasil e Geografia do Brasil (MOURA, 2002).

E de acordo com Andrade (2011), o currículo mínimo passou por outra revisão a partir do parecer nº 631/69, objetivando a formação de um profissional polivalente em um Curso de Comunicação Social. A ideia principal era, com esse curso, englobar as áreas de Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Cinema e Jornalismo. Então o currículo mínimo passaria a ter um tronco comum para todas essas habilitações, além das disciplinas específicas para cada uma delas.

Para Moura (2002), nesse terceiro currículo mínimo ficou estabelecida a carga horária mínima do curso em 2.200 horas/aula, que deveriam ser cursadas em, no mínimo, três anos e, no máximo, seis. As disciplinas foram divididas em obrigatórias da parte comum, eletivas, e obrigatórias da formação profissional.

Outro parecer, de nº 02/78, em revisão do parecer nº 1203/77, conferiu a redação final ao quarto currículo mínimo que atendeu à proposta da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa da Comunicação (ABEPEC), de aliar teoria e prática e formar o comunicador social como “agente” de transformação da sociedade. Foram exigidos laboratórios e equipamentos, de modo a considerar as diferentes habilitações previstas para o curso: Jornalismo, Publicidade e Propaganda entre outras.

De acordo com Andrade (2011), as bases do ensino de comunicação se definiram somente a partir do parecer nº 480/83, que deu origem à Resolução nº 02/84, do Conselho Federal de Educação/MEC (CEF). Foi, então, estabelecido um currículo mínimo para a formação de profissionais nas habilitações de Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Editoração, Radialismo e Cinema. Também foram exigidos laboratórios e infraestrutura para o funcionamento dos cursos.

Segundo Moura (2002), nesse quinto currículo mínimo a carga horária mínima do curso mudou para 2.700 horas/aula, que deveriam ser cursadas num período de quatro a sete anos. As disciplinas foram divididas em Obrigatórias e Eletivas do Tronco Comum e Obrigatórias da Parte Específica. Mais tarde a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei n. 9394/96 determinou o fim dos currículos mínimos e o estabelecimento de diretrizes curriculares para os cursos superiores. A partir daí percebe-se maior flexibilização dos currículos.

De acordo com Moura (2002), a versão final das Diretrizes curriculares dos Cursos de Comunicação Social foi encaminhada ao MEC em julho de 1999. E, em abril de 2001, por meio do parecer nº. 492¹⁸, a Câmara de Educação Superior aprovou, com alterações, o documento final elaborado pela Comissão de Especialistas de Ensino em Comunicação. Sua homologação ocorreu em 04 de julho e foi publicada no Diário Oficial em 09 de julho de 2001.

Sobre o perfil dos formandos, definiram-se por perfis comuns e específicos. O primeiro objetivava a mesma formação geral para todas as habilitações do curso de Comunicação Social para garantir “a identidade do Curso como de Comunicação” (BRASIL, 2001, p. 16). Observa-se a preocupação com a mutabilidade social e profissionais do mundo atual; a capacidade técnica, a reflexão sobre o caráter ético-político da comunicação e o estímulo à análise crítica próprio das mídias, à relação entre as práticas profissionais, aos veículos de comunicação e à sociedade.

Segundo Andrade (2015), em relação aos perfis específicos, foram mantidas as referências às habilitações já estabelecidas historicamente: Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Radialismo, Editoração, Relações Públicas, Cinema e Vídeo. Abriu-se a possibilidade de criar ênfases específicas em cada uma das habilitações e também de instituir novas habilitações à área de Comunicação Social.

Ainda de acordo com Andrade (2015), percebe-se, no conjunto do texto dessas Diretrizes (BRASIL, 2001), a aspiração por uma formação crítica, reflexiva sobre a atualidade, com ética e técnica comprometidas com a cidadania. Não está prevista a carga horária mínima e nem a

duração do curso. Em relação ao estágio, não está exposto como obrigatório; determina-se apenas que seja realizado em atividades externas à instituição do curso e sob supervisão.

E, para repensar o ensino de Jornalismo, foi nomeado pelo Ministério da Educação (MEC), em fevereiro de 2009, uma Comissão de Especialistas, após decisão do Supremo Tribunal Federal pela não obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão. Os trabalhos da Comissão foram realizados entre fevereiro e junho de 2009 e os resultados entregues ao então ministro da Educação, Fernando Haddad, em 18 de setembro daquele mesmo ano.

Com base nesse documento, foram formuladas, pela Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação do Ministério da Educação, as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação e Jornalismo, bacharelado, a partir de então desvinculado do Curso de Comunicação Social para se tornar área autônoma. Atualmente para exercer a profissão de jornalista, legalmente, não é mesmo necessário o diploma. Porém, para o mercado de trabalho, tornou-se um pré-requisito básico. Muitas vezes o diploma de graduação em instituições de qualidade é fundamental para o profissional se destacar no mercado de trabalho. Além disso, o papel da graduação é oferecer ao futuro profissional as ferramentas e conhecimentos fundamentais para que possa realizar as atividades de forma plena.

Na formação contemporânea, o curso de jornalismo tem, em média, duração de quatro anos. O estudante terá disciplinas teóricas como filosofia, semiótica, sociologia, psicologia, mas também disciplinas como produção de texto para rádio, televisão, internet, entre outros meios de comunicação.

Após a formação, o jornalista pode trabalhar em redações da imprensa tradicional, como rádio, jornal e televisão. No entanto, uma área em pleno crescimento para estes profissionais está no ambiente digital. Nesse sentido, espera-se que o profissional, ao concluir sua formação, deve estar apto a trabalhar em qualquer uma dessas áreas.

3. 2 A profissão jornalística

Mesmo não se sabendo ao certo a origem da profissão jornalística muitos autores afirmam que ela surgiu no século XV com a imprensa. Desde o princípio esteve ligada às novas tecnologias com a invenção da prensa por Gutenberg e continuou a se desenvolver com o advento das novas tecnologias.

Segundo Schudson (2000, p. 192), o *lead* e a estrutura da pirâmide invertida emergiram nos Estados Unidos, no fim do século XIX, com uma finalidade específica: “a de elevar o

jornalista ao status de profissionais especializados na apresentação dos fatos, a partir de um instrumento narrativo novo, pretensamente objetivo, e de uso restrito ao profissional”.

No Brasil, o jornalismo chegou apenas no início do século XIX, de forma tardia. Segundo Lopes (2008), de 1890 a 1920, surgiram no Brasil 343 jornais. Destes, 149 eram de São Paulo e 35% em idioma estrangeiro. Outros 100 periódicos eram do Rio de Janeiro e os 94 restantes estavam espalhados por todo o país. Desse total de títulos, 60 eram editados em outros idiomas, sendo um em alemão, quatro em espanhol e 55 em italiano.

De acordo com Oliveira (2011), no fim do século XIX, “a imprensa artesanal estava sendo substituída pela imprensa industrial. A imprensa brasileira aproximava-se, pouco a pouco, dos padrões e das características peculiares a uma sociedade burguesa” (SODRÉ, p. 261). Diante disso, com a passagem do século XIX para o XX, ocorre a transição da chamada “pequena” para a “grande” imprensa.

Os pequenos jornais de estrutura simples, as folhas tipográficas, cedem lugar às empresas jornalísticas, com estrutura específica, dotadas de equipamento gráfico necessário ao exercício de sua função. Se for assim afetado o plano da produção, o da circulação também o é, alterando-se as relações do jornal com o anunciante, com a política, com os leitores. Essa transição começara antes do fim do século, naturalmente, quando se esboçara, mas fica bem marcada quando se abre a nova centúria [...]. O jornal como empreendimento individual, como aventura isolada, desaparece, nas grandes cidades. Será relegado ao interior, onde sobreviverá, como tal, até os nossos dias. Uma das consequências imediatas dessa transição é a redução do número de periódicos. Por outro lado, as empresas jornalísticas começam a firmar sua estrutura, de sorte que é reduzido o aparecimento de novas empresas (SODRÉ, p. 275-276).

Para Gisela Taschner: (1992, p. 31)

Esse período que [...] vai de 1880 a 1930 aproximadamente é a fase da aventura e consolidação industrial. A organização (ou reorganização) empresarial dos jornais, que então se deu, está ligada a um processo de modernização tecnológica e diferenciação funcional. As gráficas dos jornais foram se separando das tipografias e adquirindo contornos mais industriais. [...] influíram sobre as características dos jornais, que evoluíram para o formato standard e puderam ampliar as suas tiragens (1992, p. 31).

Para Oliveira (2011), os jornais de cunho empresarial começaram a se desenvolver e atingir as capitais e principais cidades do país, no entanto, não há um aumento radical no número de jornais-empresas, ficando restritos a poucos deste tipo por cidade, que disputavam entre si a parcela do mercado crescente que era a própria “informação”.

Com esse crescimento, surge a diminuição dos jornais político-partidários, que tinham como objetivo específico “formar e também dirigir a opinião pública” (RUDGER, 1998, p. 50).

Com o novo tipo de imprensa, os jornais apresentavam-se como órgãos imparciais, cujo objetivo era informar a população.

Na década de 1930, de acordo com a historiografia, que se dedica ao estudo da imprensa, a estrutura jornalística de cunho político-partidário entra em franca decadência, sendo extinta por completo com o Golpe do Estado Novo, em 1937. Assim, a grande imprensa desponta como elemento hegemônico no poder.

A atenção agora é toda voltada para a imprensa operária. Esta diferia do modelo pasquinário e também do político-partidário, embora apresentasse alguns pontos de convergência. Por sua vez, diferia completamente da grande imprensa. Daí para a frente muitas transformações aconteceram na profissão até a contemporaneidade. (OLIVEIRA, 2011)

No século XXI, o papel social do jornalismo está sendo debatido nas sociedades contemporâneas devido às mudanças decorridas da difusão de novas tecnologias no cotidiano profissional. Lopes (2013, p. 29) afirma que “os papéis desempenhados pelos jornalistas por meio de suas atividades fornecem elementos para sua autodefinição”.

Identities são mais que papéis. Enquanto as primeiras organizam significados, os segundos organizam funções (Castells, 2000). A identidade do jornalista não pode ser vista restritamente como resultado de uma prática. Sendo “construção de significado”, identidade considera os afazeres, mas também engloba os valores, as crenças, os mitos, os saberes, as representações sociais, a história, a matéria, as relações de poder, além de outros elementos que são fontes de fortes ligações para os indivíduos que compõem um rupo (LOPES, 2013, p. 29-30).

Deve-se entender que a informação jornalística tem um sentido público. Portanto a profissão exige ética e responsabilidade. Por isso existe o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Em um código de ética ficam estabelecidos os direitos e deveres de uma categoria profissional.

Segundo o Código de Ética do Jornalismo (1985/2007), é dever do jornalista: divulgar fatos que sejam de interesse público; lutar pela liberdade de pensamento e de expressão; defender o livre exercício da profissão; valorizar, honrar e dignificar a profissão; opor-se ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão, bem como defender os princípios expressos na Declaração dos Direitos do homem; respeitar o direito à privacidade do cidadão, entre outros. O código deixa claro também que o compromisso fundamental do jornalista deve ser com a verdade dos fatos e que seu papel é, portanto, levar informação apurada e de interesse público para a população.

Alguns elementos constituem os pilares dos valores éticos exigidos para o exercício da profissão jornalística: objetividade, imparcialidade e verdade na narração dos fatos.

Christofoletti (2008), no livro *Ética no Jornalismo*, afirma que “no exercício cotidiano da cobertura dos atos que interessam à sociedade, a conduta ética se mistura com a própria qualidade técnica de produção de trabalho”. O autor vê o jornalismo como “trabalho duro, responsável e imprescindível para o desenvolvimento das sociedades”.

Voltamos nossos sentidos aos meios de comunicação como se eles funcionassem como extensão de nossos próprios corpos. As lentes das câmaras são nossos olhos a distância; os microfones e gravadores, nossos ouvidos; tomamos como referências pessoais as impressões olfativas, táteis e do paladar, captadas pelos repores. Enfim, acreditamos nos homens e mulheres que se dedicam a apurar os fatos e traduzi-los à sociedade, e confiamos no aparato tecnológico que dá suporte a esta atividade. Consciente ou inconscientemente, firmamos um pacto de confiança com a mídia, porque acreditamos que o jornalismo é uma forma de narrativa do presente que tem correspondência com o que entendemos por realidade. (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 28).

De acordo com Figaro (2013), no Brasil, a prática profissional do jornalismo consolidou-se na segunda metade do século XX. Empresas e jornalistas profissionalizaram-se para atender a demandas vinculadas a relações políticas e comerciais no âmbito do Estado, das grandes empresas anunciantes e da geopolítica internacional. A autora afirma que com o advento da informatização e das novas mídias, o jornalismo e o jornalista enfrentam desafios.

Muniz Sodré (2009, p. 194) afirma: “[...] a informação contemporânea implica outro tipo de valor: transparência, ao invés de densidade simbólica”. Ou seja, quanto mais se dissimula ou se apagam os modos de como o relato é produzido, construído, elaborado maior é sua força e aparente transparência. Abreu (2002, p. 35) afirma que “[...] são a competitividade entre os vários tipos de mídia e a disputa pelo mercado as responsáveis pelo comportamento dos jornalistas na atualidade”.

Segundo Figaro (2013), esses aspectos também foram verificados pela pesquisa “O perfil dos jornalistas e os discursos sobre o jornalismo”. As pesquisas revelam a precarização das relações de trabalho (FIGARO, 2008, 2012; LIMA, 2010, GROHMANN, 2012) bem como a intensificação do ritmo de atividade exigida no âmbito do exercício profissional, prejudicando a qualidade de vida dos trabalhadores da área (HELOANI, 2005). Indicam também a preocupação dos comunicadores com o futuro da prática jornalística, principalmente, aquela desenvolvida em jornais, revistas e televisão.

Figaro ressalta a reestruturação produtiva ocorrida no mundo do trabalho, principalmente a partir dos anos 1990:

transformou as relações de trabalho. Foi a partir dessa década que aumentou o número de jornalistas contratados sem registro em carteira profissional, abrindo caminho para o surgimento de novas formas de contratação, como a terceirização, contratos de trabalho por tempo determinado, contrato de Pessoa Jurídica (PJ), cooperados e freelancers, entre outros. São os jovens, não sindicalizados, que mantêm vínculos precários, trabalham entre oito e dez horas por dia e em ritmo acelerado. O fato de a maioria dos freelancers receberem o pagamento 9/20 a partir de nota fiscal fornecida por um terceiro e trabalharem no setor de revista e internet dá indicações claras de onde estão os problemas contratuais. (FIGARO, 2013, p. 8-9).

Travancas (1993), na década de 1990, já evidenciava os desafios do profissional jornalista. O tempo desse profissional é completamente diferente do de outros, pois se tem a impressão de que o relógio trabalha bem mais rápido e em outro ritmo. O trabalho desse profissional não costuma seguir nenhuma rotina, o que muitas vezes, acarreta consequências graves à saúde por conta da sobrecarga e da tensão. Travancas (1993) destaca como doenças mais comuns nos jornalistas, úlceras, cardiopatias e outras, mediante o alto consumo de álcool e, com a chegada dos computadores nas redações, as doenças da vista apareceram também.

De acordo com Lopes e Bonisem (2019), a profissão de jornalista tem como característica, ao longo da história, a passagem por frequentes transformações no âmbito de atuação e execução do ofício. Se anteriormente, a chega dos computadores e a aposentadoria das máquinas de escrever nas redações assustaram os jornalistas experientes dos anos 90, os profissionais de hoje tem como desafio de atuarem sob novas e avançadas tecnologias digitais, fundamentais para a construção e divulgação da notícia.

Para exercer o jornalismo é preciso coragem, luta e amor à profissão. Por tudo isso em 2021 o jornalismo foi contemplado com uma das maiores premiações de todo o mundo, o Prêmio Nobel da Paz. O Nobel da Paz é um conjunto de seis prêmios internacionais concedidos anualmente em várias categorias para pessoas que se destacaram por suas descobertas ou contribuições notáveis para a humanidade. Alfred Nobel é o criador do prêmio. Ele é também o inventor da dinamite em 1867, o químico sueco doou a maior parte de sua fortuna em testamento. O dinheiro seria distribuído entre pessoas que prestassem grandes serviços à população mundial. A Fundação Nobel foi criada quatro anos após a morte do inventor, em 1900. E, em 1991, o primeiro prêmio foi anunciado.

Liberdade de Expressão é a principal bandeira dessa profissão, mas nem todos os jornalistas têm sucesso nessa luta. Pois foi a liberdade de expressão que uniu o trabalho de dois jornalistas: Maria Ressa e Dmitry Muratov, os vencedores do Prêmio Nobel da Paz, de 2021. A filipina e o russo enfrentaram enormes dificuldades na luta para manter a população informada. Os dois correram risco de morte por amor à profissão. Segundo o site Poder360.com.br, o comitê norueguês que concede o prêmio¹ nesta categoria, afirmou que eles foram escolhidos por sua “corajosa luta pela liberdade de expressão nas Filipinas e na Rússia”.

O site informa também que a jornalista filipina expôs o abuso de poder, o uso da violência e o crescente autoritarismo do governo de seu país. Já o jornalista russo Muratov é um dos fundadores e editor-chefe do jornal independente *Novaja Gazeta*, que mantém uma postura crítica em relação ao governo e se tornou uma fonte de informação sobre medidas controversas do presidente Vladimir Putin que não costumam ser divulgadas em outros veículos. O jornal relata casos de corrupção, violência policial, prisões ilegais, fraude eleitoral, uso de forças militares russas dentro e fora do país entre outros. E por isso, seis jornalistas desse jornal foram assassinados.

Neste capítulo sobre formação e profissão é preciso falar também sobre a literacia dos profissionais desse seguimento do jornalismo em lidar com o uso da tecnologia. Esse será, portanto o próximo assunto desse trabalho.

3.3 A Literacia dos jornalistas em relação à tecnologia

Em sentido amplo, literacia significa *letramento*. Portanto, a capacidade de ler, de escrever, de compreender e de interpretar o que foi lido. É, também, qualidade da pessoa letrada, de quem é capaz de adquirir conhecimento através da escrita e da leitura, para desenvolver suas capacidades. Porém, neste trabalho, literacia está associada ao uso de ferramentas de tecnologia pelos profissionais do webjornalismo.

A necessidade de imediatismo e instantaneidade do público-alvo desse seguimento do jornalismo, ao consumir esse produto, exige do jornalista mais e maior habilidade na construção da notícia. Constata-se, portanto, os desafios que esses profissionais enfrentam em sua rotina produtiva.

¹ Matéria completa sobre essa premiação em <https://www.poder360.com.br/internacional/nobel-da-paz-2021-premia-jornalistas-que-lutam-pela-liberdade-de-expressao/>

A prática jornalística atual tem sido bastante modificada pelas inovações tecnológicas dos últimos anos. Tem se falado muito na literacia do jornalista que nada mais é do que habilidades em lidar com novas mídias e inovações tecnológicas que surgem a todos os momentos, as quais esses profissionais precisam dominar, pois parte dos problemas dessa área do jornalismo se deve à literacia dos jornalistas ou a falta dela.

Há, entre os teóricos, grande debate sobre como denominar esse processo de literacia. Literacia midiática, literacia digital e literacia da informação são alguns dos termos usados.

Livingstone, Couvering e Thumin (2008) entendem literacia da informação como aquela ligada ao acesso e ao uso ético da informação, enquanto a literacia midiática relaciona-se ao entendimento, à compreensão de notícias, à crítica e à criação de produtos midiáticos.

Em uma cultura digital, com um crescente processo de mediação, entende-se que mesmo quando se fala de literacia midiática, remete-se a aspectos da literacia digital. Em um contexto de jornalismo convergente (SALAVERRÍA; AVILÉS; MASIP, 2010) e pós-industrial, a prática jornalística é indissociável do digital e assim também deve ser pensada a literacia.

A multiplicação das possibilidades de produção, propagação e acesso a conteúdos jornalísticos – com a consequente superabundância informativa e a desinformação, com notícias falsas – e o crescente processo de mediação da sociedade (HJARVARD, 2015) colocam a literacia midiática e digital como ponto central para a formação de um cidadão em uma sociedade em rede (CASTELLS, 2002)

Livingstone (2004) define Literacia midiática (*media literacy*) como a capacidade de acessar, analisar, avaliar e criar mensagens através de uma variedade de contextos diferentes. Já Resende (2016) ressalta que o objetivo da literacia midiática seria aumentar o conhecimento sobre as várias formas de mensagens midiáticas que fazem parte da vida contemporânea.

Literacia midiática propõe a habilitação dos cidadãos para um pensamento crítico que surge com o desenvolvimento de suas competências em relação à mídia. Outro aspecto importante que esse conceito busca influenciar é a resolução criativa de problemas a partir das habilidades midiáticas, promovendo assim consumidores sensatos e produtores de informação. (RESENDE, 2016, p.11)

As novas tecnologias, que surgem a todo momento e são necessariamente utilizadas no ramo jornalístico, são capazes de proporcionar condições e resultados extraordinariamente melhores ao trabalho do jornalista e ainda o aproximar do

leitor.[...] todas estas inovações tecnológicas geram condições infinitamente superiores para a qualidade do trabalho do jornalista, mas, ao mesmo tempo, exigem, pelo dinamismo, velocidade e diversidade de sua evolução, uma permanente reciclagem atualizadora do jornalismo profissional, principalmente sob o ponto de vista estético e ético. (VICCHIATTI, 2005, p. 98)

A mobilidade proporcionada pela tecnologia cada vez mais avançada que amplia o tempo dos profissionais do jornalismo em detrimento das notícias, também favorece ao leitor internauta proporcionando-lhe maior acesso à notícia no uso das mídias digitais. Além dessa mobilidade, as ferramentas tecnológicas também contribuem com o trabalho do jornalista na redação ampliando a capacidade de pesquisa e de produção de informação.

O jornalismo praticado na internet, de acordo com (DALMONTE, 2009, p. 5), desponta como uma prática cultural no contexto das novas mídias. Vários têm sido os desafios que acompanham essa prática desde seu início, em meados dos anos noventa. Seus produtores têm sido desafiados a desenvolver linguagens condizentes com o novo ambiente informacional, que possibilita o uso de ferramentas como a interação e a atualização constante de conteúdo.

Gruszyński, Howell, Lindenmann, Sanseverino e Sousa (2018), em seu artigo Jornalismo e literacia midiática e digital, afirmam que as rupturas do jornalismo em relação às formas dominantes de conceituação e avaliação de suas práticas, em um contexto de mudanças intensivas e complexas vêm desafiando princípios que consolidam o campo. E acrescentam que essas transformações, ainda em curso, passam pela natureza do conteúdo, pela estrutura das redações e das empresas, bem como pelas relações entre organizações de notícias, jornalistas e seus diferentes públicos, incluindo as fontes (PAVLIK, 2001), e são pautadas por mudanças sociais, inovações, tecnologias e interesses econômicos.

O que se vê atualmente, segundo Hand (2008), são tecnologias relacionadas à manipulação ou tecnologias pós-modernas, as quais impactam no surgimento de ambientes culturais mais amplos. A cultura digital aponta para outra materialidade; o texto deixa de ser palpável, passando a ocupar um espaço virtual e provisório, ao mesmo tempo em que passa a ser consumido através de inúmeras plataformas.

De acordo com Pereira e Adghirni (2011), a ideia de convergência, para um grupo de pesquisadores, é de que a indústria informativa precisa de um “motor” para gerar produtos comercializáveis. A informação processada correria dentro de dutos (os infodutos) e irrigaria o sistema social, gerando novos subprodutos (ADGHIRNI e JORGE, 2011).

A pressão do tempo sobre a produção das notícias é uma das marcas indeléveis do jornalismo ao longo de sua história, mas o desenvolvimento das tecnologias digitais acelerou

este processo nos últimos 20 anos. A velocidade da mídia que altera as relações do homem com o tempo (VIRILIO, 1993; WOLTON, 2004) pode ser considerada uma das mudanças estruturais mais fortes dessa travessia do jornalismo.

Para Pereira e Adghirni (2011), o desenvolvimento das tecnologias digitais na última década apenas acelerou esse processo. Assim, os principais jornais começaram a disponibilizar ao grande público informações produzidas em fluxo contínuo. Isso aumentou a pressão – por parte das empresas e do público – sobre os jornalistas pela atualização constante do conteúdo (ADGHIRNI e PEREIRA, 2004; WEISS e JOYCE, 2009).

Ao mesmo tempo, perdura a cobrança pela publicação de notícias bem apuradas, que contenham informações de background e diversidade de fontes (NGUYEN, 2010). Demanda, na verdade, que remete a uma antiga contradição (MORETZSOHN, 2002): como produzir jornalismo de qualidade se não há disponibilidade de tempo hábil para uma boa apuração?

Como conciliar as demandas por velocidade e “verdade” na produção jornalística?

De acordo com Pereira e Adghirni (2011) esse tipo de postura se reflete em um aumento no número de atribuições dos jornalistas, com a concentração de processos como pesquisa, redação, edição, ilustração, publicação e pós-publicação em um único profissional (Steensen, 2009). E também nas exigências de se produzir um mesmo conteúdo para vários formatos midiáticos (impresso, TV, rádio, on-line), o que exige dos jornalistas o desenvolvimento de novas competências e uma sobrecarga de trabalho (AVILLÉS e CARVAJAL, 2008) que dificilmente é remunerada. De nada adiantou as tentativas dos sindicatos, relatados em inúmeros dossiês, de conscientizar os profissionais a reagir. Com receio do desemprego, a maioria assume esse discurso e mantém distância das reivindicações sindicais, mesmo para a demanda de “múltiplo salário” para jornalista multimídia.

Pereira e Adghirni (2011) acrescenta que a imprensa tradicionalmente vista como um espectador externo aos fatos, perdeu a totalidade do domínio da cena informativa, e a opinião pública passou a contar com informações coletadas, selecionadas, tratadas editorialmente, filtradas e difundidas por entidades ou movimentos sociais que possuem interesses corporativos. As tecnologias também possibilitaram que os jornalistas possam, cada vez mais, apurar as informações necessárias à produção de uma matéria sem sair das redações (Machado, 2003; Pereira, 2004; Jorge, 2007; Steensen, 2009).

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta proposta de pesquisa parte do seguinte problema: para os jornalistas do webjornalismo, experiência profissional (o fator idade), interfere em nível de dificuldade ou facilidade em relação ao uso das novas mídias e ferramentas tecnológicas?

A partir desse problema, definiu-se o objetivo geral do trabalho que é identificar e analisar os desafios dos profissionais do webjornalismo e investigar se existem, em sua rotina produtiva, possíveis dificuldades em lidar com novas mídias e ferramentas de tecnologia. Já os objetivos específicos referem-se a: a) apresentar informações sobre o cenário webjornalístico no Brasil; b) discutir sobre a literacia dos jornalistas em relação à tecnologia na era da convergência; c) comparar os dados obtidos por meios das entrevistas a fim de perceber se a idade do profissional interfere no uso da tecnologia. É preciso ressaltar que, nesta investigação, optou-se por não trabalhar com hipóteses.

Em relação às etapas de pesquisa, destaca-se que a primeira compreende a realização de uma pesquisa bibliográfica. Neste caso, foram feitas leituras de textos sobre assuntos pertinentes ao tema da investigação, relacionando os teóricos que apresentam abordagens e enfoques diferentes.

Para atingir os objetivos, foi estabelecido como objeto de estudo dessa pesquisa, alguns profissionais do webjornalismo tocanтинense para que, através deles, se pudesse conhecer de fato, quais são os principais desafios em suas rotinas produtivas sobre o uso dessas novas mídias. Se estes profissionais demonstram angústia frente às novas tecnologias, se essas ferramentas facilitam seu trabalho, se consideram-se criativos no uso delas, se são cobrados em seus empregos no domínio cada vez maior dessas ferramentas, se já perderam oportunidades por possíveis dificuldades no uso delas.

Para a coleta de dados, foram feitas entrevistas com nove jornalistas ~~do webjornalismo~~ que atuam em portais do estado do Tocantins, sendo três do **G1 Tocantins**, uma do **Jornal do Tocantins**, uma do **T1 Notícias**, uma da **Gazeta do Cerrado**, um da **Voz do Bico**, um do **Cock Notícias** e um do **Portal CNN**. É importante destacar que foram contatados, ao todo, 20 jornalistas, mas apenas nove concederam entrevistas. O contato com os entrevistados foi efetuado via WhatsApp. O aplicativo serviu ainda como forma de comunicação para a realização das entrevistas que ocorreram no mês de novembro.

O tipo de entrevista escolhido foi a estruturada, ou seja, foram feitas sete perguntas fechadas para os três grupos de profissionais que acabaram sendo divididos a partir dos seguintes critérios: por idade e nível de experiência profissional. O grupo 01, foi formado por três

jornalistas entre 25 e 34 anos; o grupo 02, por três jornalistas entre 35 e 45 anos e o grupo 03, por três jornalistas acima de 45 anos. As entrevistas foram fundamentais para compreender se realmente existe divergências e/ou semelhanças nas ideias e opiniões de acordo com a faixa etária e o nível de experiência destes profissionais. É importante ressaltar que para preservar a identidade dos jornalistas optou-se por identificá-los com letras do alfabeto como mostra o quadro abaixo.

Quadro 1 - Identificação dos profissionais

Grupo	Identificação	Veículo
Grupo 01	A	Jornal do Tocantins
	B	G1 Tocantins
	C	G1 Tocantins
Grupo 02	D	G1 Tocantins
	E	Gazeta do Cerrado
	F	Portal CNN
Grupo 03	G	Voz do Bico
	H	T1 Notícias
	I	Cock Notícias

Fonte: produção própria

Com a etapa das entrevistas concluídas, passou-se à análise dos dados, que se baseou na análise de conteúdo para entender o fenômeno. A pesquisa usou ainda, junto à análise de conteúdo, o método comparativo. De acordo com Schneider e Schmitt (1998), Comte (1988), Durkheim (1976, 1985, 1973) e Weber (1992), utilizaram-se da comparação como instrumento de explicação e generalização. Para esses autores, a análise comparativa encontra-se estreitamente relacionada à própria constituição da sociologia enquanto campo específico do conhecimento, permitindo que esta se distancie das outras ciências sociais, demarcando seu terreno próprio de atuação.

Os dados colhidos nas entrevistas foram interpretados e comparados, observando-se as semelhanças e as divergências nas respostas dos entrevistados.

Foi feita a transcrição de todas as entrevistas realizadas e, em seguida, a leitura e a identificação dos termos e expressões que se destacaram ao longo das respostas. Criou-se então,

um quadro e também nuvens de palavras para destacar as palavras-chave das respostas das entrevistas. Optou-se por não utilizar programas específicos para a análise de conteúdo, preferindo assim, o método tradicional de leitura e identificação das informações. Para a construção das nuvens de palavras, foi utilizado o programa *WordArt* por entender que essa informação visual auxiliaria na compreensão das informações.

Esta pesquisa é de caráter qualitativo, visto que se preocupa com o aprofundamento da compreensão de um grupo social. Na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. O conhecimento do pesquisador, neste caso, é parcial e limitado. O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações (DESLAURIERS, 1991).

Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Quanto à natureza, esta pesquisa é básica, já que tem a finalidade de gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da ciência, sem aplicação prática prevista. É descritiva e também exploratória, pois envolve: levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e análise de exemplos que estimulem a compreensão. (GERHARDT e TOLFO, 2009)

Para (GERHARDT e TOLFO, 2009, p. 50), a coleta de informações exploratórias pode ser realizada através de entrevistas, de observações ou de busca de informações/dados em bancos de dados secundários, documentos, etc.

Tendo sido formulada provisoriamente, a questão inicial necessita ter certa qualidade de informações sobre o objeto em estudo e encontrar a melhor forma de abordá-lo. Esta é a função do trabalho exploratório. Este se compõe de duas partes, que podem ser realizadas paralelamente: a leitura, como vimos acima, e a coleta de informações através de entrevistas, documentos, observações. As leituras servem primeiramente para nos informarmos das pesquisas já realizadas sobre o tema e obtermos contribuições para o projeto de pesquisa. Graças a essas leituras, o pesquisador poderá evidenciar a perspectiva que lhe parece mais pertinente para abordar seu objeto de estudo. A escolha das leituras requer ser feita em função de critérios precisos: ligações com a questão inicial, dimensão razoável de leituras, elementos de análise e interpretação, abordagens diversificadas, tempo consagrado à reflexão pessoal e às trocas de pontos de vista. Enfim, os resumos corretamente estruturados permitirão tirar ideias essenciais dos textos estudados e compará-los. As entrevistas e observações completam as leituras. Elas permitem ao pesquisador tomar consciência dos aspectos da questão que sua própria experiência e suas leituras não puderam evidenciar (QUIVY; CAMPENHOUDT, 1995, p. 44). Quanto à operacionalidade,

afirma-se que esta é uma pesquisa bibliográfica por ter na teoria e também nas informações colhidas nas entrevistas com os jornalistas, uma importante fonte de pesquisa. (GERHARDT e TOLFO, 2009).

5. DESAFIOS DOS PROFISSIONAIS DO JORNALISMO NO USO DAS FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS

5.1 Sobre as respostas dos Entrevistados

Neste capítulo é apresentada a análise das entrevistas realizadas com profissionais que atuam na área do webjornalismo tocantinense. Ressalta-se que os participantes tiveram suas identidades preservadas respeitando os preceitos éticos. Nesse sentido, optou por identificá-los com letras do alfabeto.

É importante destacar que os participantes foram divididos por faixa etária e nível de experiência profissional, sendo três grupos, cada um com três profissionais. Jornalistas entre 25 e 34 anos, formando o grupo 1. Jornalistas entre 35 e 45, formando o grupo 2 e jornalistas acima de 45 anos, formando o grupo 3.

Foi feito um quadro para destacar, por grupo, as palavras-chave e expressões significativas nas respostas de cada jornalista dentro dos grupos e também nas respostas deles de grupo para grupo. Assim foi possível constatar as semelhanças e divergências em suas respostas considerando a idade e a experiência de cada grupo.

Quadro 2 - Compilação das respostas

Pergunta 01	Grupo 01 <u>(25 a 34 anos)</u>	Grupo 02 <u>(35 2a 45 anos)</u>	Grupo 03 <u>(acima de 45 anos)</u>

<p>Foi uma escolha trabalhar com webjornalismo? Por que? Há quanto tempo atua nesse segmento do jornalismo?</p>	<p>... não foi uma escolha trabalhar com webjornalismo (B)</p>	<p>... não foi bem uma escolha - Surgiu uma oportunidade - comecei a atuar como estagiário (D)</p>	<p>Ir para a web não foi uma escolha - Foi uma necessidade. (G)</p>
	<p>Sim.</p> <p>Descobri que me identifico mais com a Web. (C)</p>	<p>... ano de 2009 - webjornalismo estava começando - Os veículos impressos já começavam a ter sites - eu cheguei nesse momento - transição de veículos impressos para</p>	<p>... foi uma consequência das mudanças que houveram (Sic) na forma de levar a notícia. (H)</p>
	<p>De certa forma foi uma escolha sim. (A)</p>		<p>Foi um processo natural, uma convergência natural para o webjornalismo. (I.)</p>

		<p>veículos online. (E)</p> <p>... com advento da internet e do webjornalismo - criou um veículo de comunicação para fazer webjornalismo. (F)</p>	
Pergunta 02	Grupo 01 <u>(25 a 34 anos)</u>	Grupo 02 <u>(35 a 45 anos)</u>	Grupo 03 <u>(acima de 45 anos)</u>

<p>Para você quais têm sido os principais desafios na sua rotina produtiva? Comente sobre isso.</p>	<p>... publicar a notícia de forma rápida, sem abrir mão de uma boa apuração. (B)</p> <p>... o Tocantins não é um estado com a característica de ter notícias factuais relevantes todos os dias. (C)</p> <p>... é com relação a demanda de produção. (A)</p>	<p>... a dificuldade que enfrentamos para falar com algumas fontes - equipe reduzida - dificuldade em falar com algumas assessorias - demora retornar ou confirmar informações (D)</p> <p>Hoje – WhatsApp - redes sociais - a gente consegue cavar pauta até pelo twitter - a rotina produtiva - ficou mais prática - ela também</p>	<p>... encontrar na minha região, pessoas qualificadas para trabalhar e dispostas a enfrentar os desafios da produção diária de conteúdo e pensar a rotina e o futuro do site. (G)</p> <p>... o surgimento das redes - a necessidade da gente se adaptar a elas - Hoje o site, o portal que ficar esperando o leitor</p>
--	--	--	--

		<p>sobrecarrega mais a gente - tem que ficar de olho em mais coisas. (E)</p> <p>...acompanhar a rapidez com que os fatos acontecem - acompanhar o que é tendência - trazer isso para o internauta. (F)</p>	<p>chegar na sua página, perde muita audiência - vai buscar o leitor nas redes - essas ferramentas mudam muito rápido - a gente precisa estar atento ao comportamento do nosso público e ir se ajustando. (H)</p> <p>... correr contra o tempo - a competição se acirrou muito por conta da imediatividade das comunicações - tempo para apurar, para efetivamente, se cercar, dar segurança para a publicação - cuidado na checagem, na rechechagem, para não cometer deslizes. (I)</p>
--	--	--	--

Pergunta 03	Grupo 01 <u>(25 a 34</u>	Grupo 02 <u>(35 a 45 anos)</u>	Grupo 03 <u>(acima de 45</u>
	<u>anos)</u>		<u>anos)</u>

<p>Existe pressão para os profissionais do webjornalismo em relação ao tempo? Como eles costumam lidar com isso?</p>	<p>Existe a pressão, sim. o objetivo dos sites é dar a notícia em primeira mão e, com isso, sair na frente e atrair a audiência. (B)</p> <p>Essa pressão existe.</p> <p>Todos os portais, rádios, jornais e redes de TV... trabalham também com prazos. (C)</p> <p>A pressão com relação ao tempo, existe. Se você deixar para publicar determinado conteúdo muito depois de outros veículos, você é pressionado. (A)</p>	<p>... tem que ter agilidade - a informação do é para já. (D)</p> <p>a pressão é enorme - fazer com que aquele conteúdo chegue na forma de notícia e não na forma de fofoca no WhatsApp. (E)</p> <p>Existe muita - muita pressão mesmo - A gente prefere esperar - trazer a notícia completa. (F)</p>	<p>... sim - Lidamos de boa. Fazemos dentro do nosso tempo. (G)</p> <p>Com certeza - a pressão é enorme, realmente, por produzir a tempo e fazer com que aquele conteúdo chegue na forma de notícia e não na forma de fofoca no WhatsApp. (H)</p> <p>A pressão se dá basicamente do mesmo jeito há muitos anos - uma das estratégias - colocar pequenas piolas do que está sendo apurado nas próprias redes sociais, para ir chamando a atenção. É como se fosse um spoiler que se vai dando no decorrer da</p>
---	---	---	---

			apuração. (I)
Pergunta 04	Grupo 01 (<u>25 a 34</u> <u>anos</u>)	Grupo 02 (<u>35 a 45 anos</u>)	Grupo 03 (<u>acima de 45</u> <u>anos</u>)

<p>Com o surgimento de novas mídias e ferramentas, como lida com a questão dos avanços tecnológicos?</p>	<p>... não temos grandes dificuldades</p> <p>O portal, onde trabalho, tem uma equipe nova e atualizada. (B)</p> <p>A adaptação é uma necessidade profissional em todos os mercados -</p> <p>Ninguém fez um treinamento para lidar com o WhatsApp... (C)</p> <p>... é saber equilibrar a questão pessoal e profissional para não deixar uma interferir na outra (A)</p>	<p>As novas tecnologias e mídias vieram para somar - tornar o webjornalismo ainda mais interativo. (D)</p> <p>... avanços tecnológicos vieram somar - trazer evolução nisso - não pode esquecer os princípios básicos do jornalismo que são: investigação, apuração, checagem - não pode só confiar na tecnologia - a gente lida com os avanços tecnológicos de maneira positiva – agregadora. (E)</p> <p>A gente tem tentado acompanhar - apesar de ter uma equipe bem reduzida – é uma tendência do</p>	<p>Com a devida naturalidade -</p> <p>Ciente da dinâmica atual que acontece em todos os meios produtivos. (G)</p> <p>... nos atualizando sempre - hoje a gente tem é o <i>social mídia</i>, a pessoa que cuida de redes - a nossa maneira de lidar é nos mantendo atualizados (H)</p> <p>... o que se percebe é que gradativamente o jornalista do webjornalismo vai incrementando - uso das redes sociais para ir encaminhando o que está sendo</p>
---	--	---	--

		webjornalismo - É muito dinâmico. (F)	apurado - Com tecnologia está ficando cada vez mais fácil - os jornalistas mais tradicionais – talvez - encontrem alguma dificuldade para assimilar esse processo de avanço da tecnologia e demoram um pouco mais. (I)
Pergunta 05	Grupo 01 <u>(25 a 34 anos)</u>	Grupo 02 <u>(35 a 45 anos)</u>	Grupo 03 <u>(acima de 45 anos)</u>

<p>Existe algum tipo de ajuda em relação a isso para os profissionais que têm dificuldades ou cada uma precisa se virar sozinho?</p>	<p>Há ajuda para tudo o que precisamos fazer no dia a dia. - A empresa também nos fornece cursos da Uniglobo sobre várias temáticas... (B)</p> <p>... cada vez que uma nova tecnologia é adotada há um treinamento específico. (C)</p> <p>... por mais</p>	<p>... sempre há um suporte do editor ou de algum repórter do turno para auxiliar. (D)</p> <p>... é uma adaptação - o processo de produção da notícia mudou - evoluiu e precisa ser versátil -temos que ser versáteis - Hoje se estar na era multe adaptação especialização -</p>	<p>... nos viramos muito na intuição e na busca de novidades. (G)</p> <p>... os profissionais passam por um período de adaptação - ninguém se vira sozinho, pelo menos não aqui. (H)</p> <p>Não dá para</p>
	<p>que você tenha um grupo de colegas de trabalho de profissionais que auxiliem você, é importante você ter, a quantidade de estrutura e elementos necessários para se virar sozinho. (A)</p>	<p>estudar e buscar. (E)</p> <p>... buscamos estar sempre fazendo cursos. (F)</p>	<p>ficar esperando só que os outros mobilizem - É importante que cada profissional também busque por conta própria. (I)</p>

Pergunta 06	Grupo 01 (25 a 34 anos)	Grupo 02 (35 a 45 anos)	Grupo 03 (acima de 45 anos)
<p>O que considera positivo e negativo para o trabalho do profissional do webjornalismo em relação ao avanço da tecnologia e ao surgimento de novas mídias e ferramentas?</p>	<p>... positivo é que, temos várias ferramentas disponíveis diariamente - Com a tecnologia, quebram-se as barreiras e fronteiras. - O ponto negativo aparece quando os jornalistas pegam uma informação e não fazem a checagem correta. -</p>	<p>Mais positivo que negativo - tecnologia vem sempre para somar. (D)</p> <p>Positivo - uma variedade maior do conteúdo e das formas de exibição desse conteúdo - a gente consegue segmentar mais o conteúdo - fazer conteúdo para</p>	<p>... positivo é a facilidade de produzir o conteúdo - E o negativo é a substituição dos serviços - prolifera os sites e blogs substituindo o trabalho profissional. (G)</p> <p>... negativo, sem dúvida, a sobrecarga - positivo é</p>

	<p>O profissional pode ser levado a publicar notícias falsas ou equivocadas. (B)</p> <p>... mais positivo é o contato facilitado com fontes que estão a distância e muitas vezes em locais remotos - produção de vídeos e imagens sem necessidade de deslocar equipes e equipamentos a grandes distâncias -</p> <p>A grande desvantagem é a proliferação de notícias falsas ou enganosas, que precisam ser constantemente apuradas nas redações -</p> <p>Também há o problema da mecanização do trabalho. (C)</p> <p>O positivo é</p>	<p>públicos específicos – consegue ter acesso mais tranquilo a algumas fontes – negativo - acomode com as facilidades que algumas ferramentas nos dão - a possibilidade do profissional se acomodar com o uso dessas mídias. (E)</p> <p>... positivo - mais meios de levar a informação para seu público – negativo é que acabou criando um imediatismo e isso tem gerado vários problemas - pressa de transmitir uma informação. (F)</p>	<p>porque faz com que a gente se reinvente - exercite novas linguagens - O mercado é muito volátil. (H)</p> <p>... como positivo, a facilidade com que você, hoje, consegue colocar os conteúdos que produz à disposição dos públicos - hoje em dia, com a internet, é blog, são as redes sociais, onde você externa suas opiniões - negativo é - a propagação enorme de notícias falsas, notícias mal apuradas. (I)</p>
--	---	---	--

	<p>que facilita.</p> <p>... ponto</p> <p>positivo, a facilidade e agilidade - essa facilidade também pode fazer com que se venha a cometer erros e recriar, reproduzir alguma notícia que tenha um fundo falso ou ficar preso a essas facilidades e cometer um erro na hora da apuração.</p> <p>(A)</p>		
Pergunta 07	Grupo 01 <u>(25 a 34 anos)</u>	Grupo 02 <u>(35 a 45 anos)</u>	Grupo 03 <u>(acima de 45 anos)</u>

<p>Acha que a idade (experiência) favorece ou desfavorece em relação a saber lidar melhor com a tecnologia? Por que?</p>	<p>Essa nova geração já nasceu com o celular na mão, tem muita habilidade para manusear as novas tecnologias, tem criatividade, é conectada com as mídias que vão surgindo. Isso favorece no dia a dia de quem escolheu</p>	<p>É uma questão de adaptação, interesse, treinamento – (D)</p> <p>... muito relativa - profissionais pioneiros - estão se adequando - mais jovem vai ter mais facilidade. (E).</p>	<p>De certa forma desfavorece - você com vasta experiência ou anos no mercado - nós temos dificuldades para lidar com novidades com as quais não vivenciamos ou aprendemos na infância e juventude. (G)</p>
---	---	---	---

	<p>trabalhar com jornalismo de internet. (B)</p> <p>As melhores redações costumam ter um mix de jornalistas com muita experiência e jornalistas com propostas inovadoras. (C)</p> <p>... depende muito do profissional. O quanto ele está aberto para receber essa tecnologia e quanto ele também tem apoio... (A)</p>	<p>... quem já está muito há tempo no mercado talvez seja mais complicado. (F)</p>	<p>Eu penso que a nova geração tem mais facilidade em lidar com as mudanças tecnológicas - é uma geração que já nasceu no digital - E nós que somos profissionais mais antigos no mercado, para nós é uma reinvenção diária. (H)</p> <p>Os mais antigos têm, até, mais dificuldade para dominar determinadas tecnologias - eles precisam ter um esforço a mais, precisam se aconselhar mais com os mais jovens. (I)</p>
--	--	--	---

Fonte: Produção própria

Vale lembrar que este trabalho objetiva conhecer os desafios enfrentados pelos jornalistas do webjornalismo em relação aos avanços tecnológicos. Para isso foi dada voz a estes profissionais para que o resultado da pesquisa seja o mais próximo possível da realidade.

uma escolha. Por fim, A, do Jornal do Tocantins, respondeu que de certa forma foi uma escolha sim, porque ela nunca gostou muito de televisão e rádio mais ou menos.

No entanto, é possível perceber nas repostas que todos os três jornalistas iniciaram as suas atividades em outros meios de comunicação. A primeira entrevistada começou no rádio, o segundo na televisão e a terceira no jornal impresso. Isso mostra como os meios tradicionais ainda servem como base para o desenvolvimento profissional. No caso específico deste grupo, nota-se que, apesar de ter sido uma escolha da maioria trabalhar com webjornalismo, os jornalistas acabaram migrando para a internet.

Em relação aos principais desafios na sua rotina produtiva, os entrevistados desse grupo divergiram. Há quem ache que a agilidade em publicar a notícia sem abrir mão de uma boa apuração seja um desses principais desafios como também, a falta de notícias factuais relevantes, na sua localidade, todos os dias, e ainda a dificuldade com relação à demanda de produção.

Segundo Salaverría (2014), isso acontece porque as tecnologias digitais estão cada vez mais convergentes, além da reconfiguração das empresas jornalísticas em busca de um modelo de negócios no webjornalismo que dê retorno. O autor defende esse perfil multitarefa, considerado por ele como “jornalista funcional [...] polivalência na qual um jornalista desempenha várias funções dentro da mesma redação” (SALAVERRÍA, 2014, p 28). E ressalta que o profissional também sofre com a dificuldade de produzir vários tipos de conteúdo ao mesmo tempo. Para Salaverría (2014), esse fato aumenta consideravelmente o trabalho do repórter e, como consequência, poderá ter uma interferência negativa no produto final.

Se existe pressão para os profissionais do webjornalismo em relação ao tempo, todos foram unânimes em dizer que sim e justificaram afirmando que o objetivo dos sites é dar a notícia em primeira mão, sair na frente e atrair audiência. De acordo com Pereira (2011), o momento atual está relacionado com as consequências do jornalismo de comunicação, influenciado pelas pressões exercidas pela lógica comercial de uma concorrência entre publicações, suportes e mensagens.

Quanto a saber lidar com os avanços tecnológicos, esse primeiro grupo não se aprofundou nas respostas. B disse que não existe grandes dificuldades em relação a isso, pois o portal onde trabalha tem uma equipe atualizada, C afirmou que isso é uma questão de adaptação, uma necessidade profissional, e A, que é uma questão de saber equilibrar o pessoal e o profissional para não deixar uma interferir na outra e conseguir produzir melhor.

Quando foram questionados se existe algum tipo de ajuda para aqueles jornalistas que têm dificuldade em usar essas ferramentas, essas novas mídias, B e C afirmaram que sim. Há

suporte sim, por parte da empresa, mas A defendeu a necessidade do profissional ter a quantidade de estrutura e elementos necessários para se virar sozinho, por mais que tenha ajuda de colegas de trabalho.

Os estudiosos do jornalismo digital (CANAVILHAS, 2014; PALÁCIOS, 2002; BARBOSA, 2013) têm como elemento central a tecnologia e seus avanços. Traquina (2011) afirma que um conhecimento histórico do jornalismo mostra que do tambor aos satélites, esta atividade foi sempre profundamente transformada pelas inovações tecnológicas.

Nesse sentido, foi perguntado aos jornalistas o que eles acham positivo e negativo no webjornalismo em relação ao avanço da tecnologia e ao surgimento de novas mídias e ferramentas. Responderam que, de positivo é o fato de terem várias ferramentas disponíveis e com isso, mais facilidade e agilidade em sua rotina produtiva; a quebra de barreiras e fronteiras e o contato facilitado com as fontes. A criação e popularização da internet, segundo Avelar (2015, p. 7), por si só, marcaram a comunicação do século XX, encurtando distâncias e ampliando o universo do jornalista.

Os jornalistas foram unânimes em dizer que o principal ponto negativo de tudo isso é o risco que os profissionais correm de, com toda essa facilidade, cometer erros na checagem, na apuração dos fatos e acabarem transmitindo alguma informação com fundo falso. Ou seja, o principal ponto negativo dos avanços tecnológicos para eles é a velocidade com que as informações são publicadas podendo assim gerar essa grande proliferação de informações falsas que precisam ser constantemente apuradas nas redações.

Se a idade (experiência) favorece ou desfavorece em relação a lidar com a tecnologia, as respostas desse grupo divergiram. Enquanto B acha que sim, que essa nova geração por já ter nascido com o celular na mão e ter muita habilidade para manusear essas novas tecnologias, levando vantagem perante os mais experientes, A já acha que depende muito do profissional. Do quanto ele está aberto para receber essa tecnologia e também que tipo de apoio ele tem. E C, acha que as melhores redações querem tanto jornalistas com muita experiência quanto jornalistas jovens com propostas inovadoras.

5.2.2 - Grupo 2. (Jornalistas entre 35 e 45 anos)

Figura 4 - Termos do grupo 02 (entre 35 e 45 anos)

Ao serem questionados se existe algum tipo de ajuda para os jornalistas que têm dificuldades com o manuseio das ferramentas de tecnologia, esse grupo divergiu totalmente. Um respondeu que sempre há suporte, outro que é uma questão de adaptação, que é preciso ser versátil e outro respondeu, ainda, que estão sempre buscando fazer cursos, se atualizar.

Esse grupo respondeu que considera positivo sobre o avanço da tecnologia para o trabalho do webjornalista: a possibilidade de segmentar mais o conteúdo; fazer conteúdo para públicos específicos; ter maior acesso a determinadas fontes; ter mais meios de levar a informação para seu público. E considera negativo: a possibilidade do profissional se acomodar com o uso dessas mídias e ferramentas; o imediatismo gerado por tudo isso e que acaba criando vários problemas na pressa de transmitir a informação.

Adghirni (2012, p. 66) lembra que as mudanças nas regras de produção e consumo das notícias, concorrência, publicidade e os desafios das novas tecnologias com a convergência tecnológica “provocaram transformações profundas no modo de fazer jornalismo”, como mostram estudos de Neveu (2001), Ruellan (2006) e Renault (2013).

Para a pergunta, acha que a idade favorece ou desfavorece no lidar com a tecnologia, as respostas desse grupo divergiram um pouco. D disse que é uma questão de adaptação, interesse e treinamento. Como também a participante E que afirmou que isso é relativo, pois existem profissionais pioneiros que se adaptam e outros não. Mas dois jornalistas concordaram que os mais jovens têm mais facilidade e para aqueles que já estão há muito tempo no mercado talvez seja um pouco mais complicado o manuseio das ferramentas tecnológicas.

5.2.3 - Grupo 3. (Jornalistas acima de 45 anos)

Figura 5 - Termos do grupo 03 (acima de 45 anos)

Quando perguntado aos jornalistas desse grupo se existe pressão em relação ao tempo, todos disseram que sim, que a pressão é enorme. Contudo, G garantiu que sabem lidar muito bem com essa pressão. A pressão do tempo sobre a produção das notícias é uma das marcas indeléveis do jornalismo ao longo de sua história, mas o desenvolvimento das tecnologias digitais acelerou este processo nos últimos 20 anos. A velocidade da mídia que altera as relações do homem com o tempo (VIRILIO, 1993; WOLTON, 2004) pode ser considerada uma das mudanças estruturais mais fortes dessa travessia do jornalismo.

Em relação a como lidam com a questão dos avanços tecnológicos, esse grupo demonstrou, em suas respostas, não haver grandes problemas. Disseram que lidam com naturalidade, que estão cientes da dinâmica atual destes meios produtivos e que estão procurando se manterem sempre atualizados. “Nós lidamos nos atualizando sempre. Hoje a gente tem o *social mídia*, a pessoa que cuida de redes”. Foi o que respondeu a jornalista H do T1 Notícias.

Houve divergências nas respostas desse grupo ao serem questionados se existe algum tipo de ajuda para os profissionais do webjornalismo que, possivelmente, tenham dificuldades em utilizar as novas mídias, as ferramentas tecnológicas. G, do portal Voz do Bico, disse se virar muito na busca de novidades; H do T1 Notícias, respondeu que os profissionais passam por um período de adaptação, mas que ninguém se vira sozinho não. Já o jornalista G, do Cock Notícias, garantiu que não dá para ficar esperando que os outros os mobilizem, que é importante cada profissional buscar por conta própria.

Esse grupo respondeu considerar positivo para o trabalho do webjornalismo em relação ao avanço da tecnologia e surgimento de novas mídias e ferramentas: a facilidade que existe hoje para se entregar ao público os conteúdos que se produz; a variedade de meios onde se pode externar opiniões; a necessidade de o jornalista ter que se reinventar, inventar novas linguagens. E consideram negativo: a facilidade na propagação de notícias falsas, notícias mal apuradas; e a sobrecarga de trabalho que toda essa evolução acabou trazendo para o profissional do webjornalismo. Baseando-se no referencial teórico de Steensen (2009), Pereira e Adghirni (2011) apontam que o discurso da convergência, do “modelo integrado”, das empresas jornalísticas é um dos responsáveis pelo aumento de atribuições dos profissionais

Se a idade (experiência) interfere no fato de saber lidar ou não com a tecnologia, esse grupo foi unânime em dizer que sim. E têm propriedade para afirmar isso, visto que aqui todos têm mais de 46 anos e experiência profissional consolidada. Disseram ter dificuldades para lidar com novidades com as quais não vivenciaram ou aprenderam na juventude; que pensam que a

- publicar a notícia de forma rápida, sem abrir mão de uma boa apuração;
- a falta de notícias factuais relevantes todos os dias;
- a dificuldade encontrada, às vezes, para falar com algumas fontes;
- equipe reduzida;
- dificuldade em falar com algumas assessorias;
- a demora para retornar ou confirmar informações;
- a sobrecarga de trabalho;
- acompanhar a rapidez com que os fatos acontecem;
- acompanhar o que é tendência e trazer isso para o internauta;
- encontrar em sua região, pessoas qualificadas para trabalhar nessa área;
- a necessidade de se adaptar às redes sociais;
- corrida contra o tempo.

Para a pergunta 3, se existe pressão para os webjornalistas em relação ao tempo, os jornalistas entrevistados concordaram que sim. Para todos eles, a resposta foi a mesma, tanto dentro de cada grupo, quanto de grupo para grupo. Então, quanto a isso, não resta nenhuma dúvida, existe sim uma enorme pressão para o profissional do webjornalismo em relação ao tempo.

Como lidam com a questão dos avanços tecnológicos, mesmo havendo respostas diferentes, tanto dentro dos grupos, quanto de um grupo para o outro, todos concordaram que, mesmo com alguma dificuldade, não é algo impossível e que todos os jornalistas são capazes de se adaptar e aprender a fazer uso dessas ferramentas na sua rotina produtiva.

Se existe algum tipo de ajuda para os profissionais que têm dificuldade com o manuseio das ferramentas de tecnologia, as respostas foram bem variadas. Dentro dos grupos houve divergências. Enquanto no grupo 1 todos concordam que sempre há algum tipo de apoio, o entrevistado I do grupo 3 acha que é responsabilidade de cada um, buscar aperfeiçoamento, especialização. No grupo 1, o participante B e o C acham que sim. Há ajuda sim, porém o A acha que mesmo tendo ajuda é importante você saber se virar sozinho. Em todos os grupos houve essa divergência nas respostas.

Em relação ao que acham positivo sobre o avanço da tecnologia no trabalho do webjornalista, os entrevistados apresentaram respostas diferentes. Dentro dos grupos não houve muita semelhança nas respostas, mas de grupo para grupo houve alguns pontos em comum. Nos três grupos foi citado, por exemplo, como positivo, a facilidade na produção e publicação de conteúdos, o acesso maior e mais fácil às fontes, a quebra de fronteiras, o encurtamento das

distâncias. E como negativo, todos os grupos citaram a propagação e proliferação de notícias falsas ou mal apuradas.

Para a pergunta se acha que a idade interfere na forma de lidar com a tecnologia, enquanto no grupo 1 as respostas divergiram um pouco, os grupos 2 e 3 concordaram que os mais jovens têm sim, mais facilidade em lidar com a tecnologia enquanto os mais experientes têm um pouco mais de dificuldade, nada que não seja possível superar. Segundo eles, com esforço, vontade e paciência se consegue. Veja o que disse o entrevistado I do grupo 3, sobre isso. “Eu considero que a dificuldade está em você ter paciência, o mais antigo ter a paciência para compreender as novas ferramentas, manusear essas novas tecnologias”.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A popularização da internet, dos aplicativos e das redes sociais tem obrigado os profissionais de várias áreas incorporarem, ao seu dia a dia, novas ferramentas de trabalho. Na comunicação não tem sido diferente. Então o jornalismo, que já atuava nos jornais impressos, no rádio e na televisão, passou, ao longo destes anos, a apropriar-se do espaço na internet que ficou conhecido como webjornalismo, isto é, o jornalismo produzido com ferramentas tecnológicas. Diante da necessidade de acompanhar os interesses do público-leitor, fez-se necessário que os veículos de notícia, via internet, incluíssem aos seus processos produtivos as chamadas novas mídias.

Este trabalho de conclusão de curso propôs-se, portanto, pesquisar sobre os desafios dos profissionais do webjornalismo para se adaptarem às novas tecnologias que surgem a todo momento. Investigar a literacia dos profissionais do jornalismo em relação ao uso de ferramentas tecnológicas foi fundamental para compreender como o segmento tem evoluído.

Assim, foi identificada a necessidade de se conhecer e analisar a rotina produtiva de alguns profissionais desse campo do jornalismo. Nesse sentido, os objetivos desse trabalho foram atingidos, visto que a pesquisa bibliográfica, as entrevistas com os jornalistas e a análise dos dados foram realizadas de forma satisfatória, auxiliando na compreensão do fenômeno.

Após a realização da coleta e análise de dados, chegou-se a um volume de informações que apontam para o relevante papel que a tecnologia exerce no dia a dia dos jornalistas do webjornalismo. Portanto, essa pesquisa conseguiu não somente confirmar tal importância, mas também comprovar aspectos e particularidades dessas novas práticas midiáticas.

Na análise dos dados, foi possível constatar que realmente existem desafios na rotina produtiva dos profissionais do webjornalismo que atuam em diferentes veículos. Nesse ponto,

foram observadas divergências nas respostas dos entrevistados, o que comprova que os desafios são constantes e reais, como:

- publicar a notícia de forma rápida, sem abrir mão de uma boa apuração;
- a falta de notícias factuais relevantes todos os dias;
- a dificuldade encontrada, às vezes, para falar com algumas fontes;
- equipe reduzida;
- dificuldade em falar com algumas assessorias;
- a demora para retornar ou confirmar informações;
- a sobrecarga de trabalho;
- acompanhar a rapidez com que os fatos acontecem;
- acompanhar o que é tendência e trazer isso para o internauta;
- encontrar em sua região, pessoas qualificadas para trabalhar nessa área;
- a necessidade de se adaptar às redes sociais;
- correr contra o tempo.

A análise mostrou que existem mais divergências que semelhanças nas respostas dos jornalistas, confirmando também que os jornalistas mais experientes, diferentemente dos mais jovens, encontram sim dificuldades em lidar com as ferramentas de tecnologia. Contudo, segundo os entrevistados, com esforço, vontade e paciência é possível superar esses desafios.

Dessa forma, afirma-se que, é importante para o jornalista do século XXI, contar com os recursos de tecnologia, como a internet associada ao correio eletrônico, aos sites, às redes sociais, aos aplicativos e aos diversos dispositivos móveis, que permitem e facilitam a comunicação e a produção de conteúdo jornalístico.

Os resultados também apontaram como ponto positivo em relação ao avanço tecnológico, na visão dos entrevistados: a facilidade na produção e publicação de conteúdos, o acesso maior e mais fácil às fontes, a quebra de fronteiras, o encurtamento das distâncias. E como ponto negativo, na opinião dos participantes: a propagação e proliferação de notícias falsas ou mal apuradas. Nesse ponto houve semelhança nas respostas.

Portanto, a partir das entrevistas concedidas pelos profissionais do webjornalismo tocantinense, foi possível constatar que, apesar dos desafios encontrados por eles em sua rotina produtiva, todos consideram a internet, bem como os recursos dela derivados, indispensáveis para a realização do trabalho. Destaca-se que, para os mais jovens, trabalhar sem esse recurso seria “impossível”. Já para os mais experientes, mesmo encontrando determinadas dificuldades em lidar com as ferramentas, reconhecem que, com a tecnologia, o trabalho se tornou mais prático e ágil, atingindo uma audiência bem maior.

Acredita-se que este trabalho pode trazer importantes contribuições para outras pesquisas, por ser de caráter qualitativo e assim produzir informações aprofundadas sobre um segmento profissional. As entrevistas com os profissionais do webjornalismo e a análise das

respostas, constitui um rico material de pesquisa para outros projetos. E ainda pode trazer contribuições também para os próprios profissionais e até mesmo para os veículos colaborando assim, com a rotina produtiva dessa profissão, que é a área de conhecimento desse trabalho.

7. REFERÊNCIAS

- ADGHIRNI, Zelia Leal; JORGE, Thais de Mendonça. **Mudanças Estruturais no Jornalismo**: convergir é preciso. reflexões sobre as empresas, a convergência de redações e o perfil dos profissionais. Anais do I Colóquio Internacional Mudanças Estruturais no Jornalismo (Mejor). Brasília, DF, 2011.
- ADGHIRNI, Z. L. **Mudanças Estruturais no Jornalismo**: Travessia de uma Zona de Turbulência. In: PEREIRA, Fábio, ADGHIRNI, Zélia Leal, MOURA, Dione (orgs). Jornalismo e Sociedade –Teorias e Metodologias. Florianópolis, SC: Insular, 2012. ADGHIRNI, Zélia Leal; PEREIRA, Fábio Henrique. **O JORNALISMO EM TEMPO DE MUDANÇAS ESTRUTURAIS**. Porto Alegre, RS: UFRGS, Intertexto, 2011.
- ANDRADE, Tatiana Carilly Oliveira. **A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO ENSINO SUPERIOR EM JORNALISMO NO BRASIL**. v. 5, n. 1, p. e021025. Revista Científica de Educação, 2020. Disponível em: <https://seer.facmais.edu.br/rc/index.php/RCE/article/view/90>. Acesso em: 23 fev. 2022.
- BARBOSA, Suzana. **Jornalismo Convergente e Continuum na quinta geração do jornalismo nas redes digitais**. In: CANAVILHAS, João (org.). **Notícias e Mobilidade: Jornalismo na era dos dispositivos móveis**. Canavilhã: Livros Labcom, 2013.
- BARREIROS, Isabela; LIMA, Renan; SANTOS, Marli dos. **PRÁTICAS JORNALÍSTICAS EM WEBJORNALISMO**: explorando a mídia tradicional e a independente. Virtual: Intercom, 2020.
- CANAVILHAS, João. **Webjornalismo**: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada. 2011. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joaowebjornalismopiramideinvertida.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2022.
- CAVALCANTI, Ivo Henrique França de Andrade Dantas. **O Webjornalismo e suas Potencialidades**: um estudo de caso do portal ne10. Recife, PE: Ufpe, 2013.
- CHARRON, J. e BONVILLE, J. (2004). **Typologie historique des pratiques journalistiques**. In: Colette Brin, Jean Charron & Jean de Bonville. (orgs.). *Nature et transformation du journalisme. Théories et recherches empiriques*. Québec: Les Presses de L'Université Laval, p. 141-217.
- CAPOBIANCO, Janaína Cristina Marques; BARROS, Leandra Eloy Ribeiro. **O fazer jornalístico: processos da notícia em mídias independentes digitais**. Joinville, SC:

Intercom, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1318-1.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2022.

DALMONTE, Edson Fernando. **Pensar o discurso no webjornalismo**: temporalidade, paratexto e comunidades de experiências. Salvador, BA: EDUFBA, 2009.

FÍGARO, R. (Org.). **As relações de comunicação e as condições de produção no trabalho de jornalistas em arranjos econômicos alternativos às grandes corporações de mídia**. São Paulo, SP: ECA/USP, 2018.

FÍGARO, Roseli. **Atividade de Comunicação e Trabalho dos jornalistas**. Brasília, DF:

Revista E-Compós, v.16, n. 1, 2013. Disponível em:

<https://www.ecompos.org.br/ecompos/article/download/855/649/4210>. Acesso em: 23 fev. 2022.

FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira; KUHN, Wesley Lopes.

Jornalista

Contemporâneo: Apontamentos para discutir a identidade profissional. Intertexto, Porto Alegre, RS: UFRGS, v.2, n.21, p.47-69, julho/dezembro 2009

GADINI, Sérgio Luiz. **Em busca de uma teoria construtivista do jornalismo contemporâneo**: a notícia entre uma forma singular de conhecimento e um mecanismo de construção social da realidade. 33. ed. Porto Alegre, RS: Revista Famecos, 2007. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/download/3438/2700/0>. Acesso em: 23 fev. 2022.

AVILÉS, José Alberto García; CARVAJAL, Miguel. **Integrated and Cross-Media Newsroom Convergence**: two models of multimedia news production - the cases of novotécnica and la verdad multimedia in spain. Vol 14. Online: Sage Journals, 2008. GERHARDT, Tatiana Engel.

A construção da pesquisa. In: GERHARDT, Tatiana Engel e SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre, RS: UFRGS Editora, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2022.

HALLIN, D. **Comercialidad y profesionalismo en los medios periodísticos estadounidenses**. CIC. Cuadernos de Información y Comunicación, n. 3, p. 123, 1 ene. 1997. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/CIYC/article/view/CIYC9797110123A>.

Acesso em: 23 fev. 2022.

JORGE, Thais de Mendonça e ADGHIRNI, Zélia Leal. **Prática Profissional, Convergência e Perfil do Jornalista**. Brasília: Observatório Mídia & Política, 2010. Available at: em www.midiaepolitica.unb.br. Acesso em: 23 fev. 2022.

- LOPES, Daniele Vieira; BONISEM, Fabiano Mazzini. **O Jornalismo na Era Digital**: impactos percebidos por repórteres e editores. Vitória: Intercom, 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2019/resumos/R68-0800-1.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2022.
- LOPES, Dirceu Fernandes. **Resgate histórico do jornalismo brasileiro – Parte 2**: Da república velha ao estado novo. Jornal Unidade, agosto, 2008.
- MEDITSCH, Eduardo. **O Conhecimento do Jornalismo**. Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 1992.
- MELO, José Marques de. **História social da imprensa**: fatores sociais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil. Porto Alegre, RS: Edipucrs, 2003.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MORETZSOHN S. **Jornalismo em Tempo Real**. Ed. Revan, Rio de Janeiro, RJ, 2002.
- NEVEU, Eric. **Sociologie du Journalisme**. Paris: La Découverte, 2001.
- NGUYEN, An. **Harnessing the potential of online news**: suggestions from a study on the relationship between online news advantages and its post-adoption consequences. Online: Sage Journals, 2010. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1464884909355910>. Acesso em: 23 fev. 2022.
- NUNES, Ana Cecília B. **Jornalismo digital de quinta geração**: as publicações para tablets em diálogo com o desenvolvimento da web. Rio de Janeiro: Revista Alceu, 2016. Disponível em: <http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/art%209-39.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2022.
- OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **A relação entre a história e a imprensa, breve história da imprensa e as origens da imprensa no Brasil (1808-1930)**. Rio Grande, RS: Historiæ, 2012. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2614>. Acesso em: 23 fev. 2022.
- PALACIOS, Marcos. **Jornalismo online, informação e memória**: apontamentos para debate. 2002.
- PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. **O JORNALISMO EM TEMPO DE MUDANÇAS ESTRUTURAIS**. Porto Alegre, RS: Intexto, 2011. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/12443/1/ARTIGO_JornalismoTempoMudancas.pdf. Acesso em: 23 fev. 2022.
- PONTES, Felipe Simão. **Do Jornalismo e da História à História do Jornalismo**: estudos em jornalismo e mídia. Online: Alcar, 2008. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro->

20081/Do%20Jornalismo%20e%20da%20Historia%20a%20Historia%20do%20Jornalismo.pdf.

Acesso em: 23 fev. 2022.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. V. **Manuel de recherche en sciences sociales**. Paris: Dunod, 1995.

RENAULT, David. **O Jornalismo Sem Diploma e o Mercado de Trabalho**. In: PEREIRA, Fábio; ADGHIRNI, Zélia Leal; MOURA, Dione (Orgs). **Jornalismo e Sociedade – Teorias e Metodologias**. Florianópolis, RS: Insular, 2012.

ROCHA, Liana Vidigal. **Webjornalismo hiperlocal**: proposta de linha do tempo dos veículos on-line do tocantins. Joivinnle, SC: Intercom, 2018.

ROCHA, Liana Vidigal; SOARES, Sérgio Ricardo; ARAÚJO, Valmir Teixeira. **Abrangências locais no Jornalismo Online do Tocantins. Comunicação & Inovação**.

PPGCOM/USCS, v. 15, n. 29, p. 171-185, jul-dez 2014.

ROGERS, Eerett. **A History of Communication Study**. New York, NY: Free Press, 1997.

ROST, Alejandro. **Interatividade**: definições, estudos e tendências. In: Canavilhas, João.

Webjornalismo: 7 caraterísticas que marcam a diferença. Covilhã, PT: Livros Labcom, 2014.

Disponível em: https://www.labcom.ubi.pt/ficheiros/20141204-201404_webjornalismo_jcanavilhas.pdf. Acesso em: 23 fev. 2022.

RENAULT, D. **A convergência tecnológica e novo jornalista**. Brazilian journalism research, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 30–49. Brasília, DF, 2013. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/575>. Acesso em: 23 fev. 2022.

RUBLECKI, Anelise. **Teorias do Jornalismo**: questões exploratórias em tempos pósmassivos. Caxias do Sul, RS: Intercom, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1220-1.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2022.

RUELLAN, Denis. **Corte e costura do jornalismo**. 18. ed. São Paulo, SP: Líbero, 2006. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/Corte-e-costuradojornalismo.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2022.

RUELLAN, Denis. **Le professionnalisme du flou**: identité et savoir-faire des journalistes français. Grenoble, FR: Persée, 1993.

SALAVERRÍA, R. **Multimedialidade**: Informar para cinco sentidos. In: Canavilhas, João. **Webjornalismo**: 7 caraterísticas que marcam a diferença. Covilhã, PT: Livros Labcom, 2014.

Disponível em: https://www.labcom.ubi.pt/ficheiros/20141204-201404_webjornalismo_jcanavilhas.pdf. Acesso em: 23 fev. 2022.

SANTOS, Raissa Nascimento dos. **Jornalismo do Século XXI: profissão, identidade, papel social, desafios contemporâneos**. João Pessoa, PB: Intercom, 2014. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-0360-1.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2022.

SCHNEIDER, Sérgio; SCHMITT, Cláudia Job. **O uso do método comparativo nas ciências sociais**. Porto Alegre, RS: Cadernos de Sociologia, 1998. Disponível em: <https://elizabethruano.com/wp-content/uploads/2018/08/schneider-schmitt-1998-ousodometodo-comparativo-nas-ciencias-sociais.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2022.

Costa Silva, L. M. (2018). **As potencialidades formativas e formadoras para o jornalismo científico em agências universitárias**. Journal of Science Communication – América Latina. Disponível em: <https://doi.org/10.22323/3.01010205>. Acesso em: 23 fev. 2022.

STEENSEN, Steen. The shaping of an online feature journalist. Online: Sage Journals, 2009.

TORRES, Rui. **Horizontes do webjornalismo**. Estudos em Comunicação n.2, 319 – 336. Dezembro 2007.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do jornalismo: a tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis, SC: Insular, 2005. V. 2.

VIRILIO, P. **O espaço crítico e as perspectivas do tempo real**. Rio de Janeiro, Ed 34, 1993.

WEISS, Amy Schmitz; JOYCE, Vanessa de Macedo Higgins. **Compressed dimensions in digital media occupations: journalists in transformation**. San Diego, Eua: Sage Publications, 2009.

WOLTON, Dominique. **Pensar a Comunicação**. Brasília, DF, Ed. UnB, 2004.

8. APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Jornalistas entrevistados:

1. T, M. – Jornal do Tocantins
2. J. G. – G1 TO
3. E. R. – G1 TO
4. J.J. - G1 TO
5. F.A. - Portal CNN
6. R. T. – T1 Notícias
7. M. J. C. – Gazeta do Cerrado
8. P. P. – Voz do Bico –

9. P. A. – Cock Notícias

Perguntas:

1. Foi uma escolha trabalhar com webjornalismo? Por que? Há quanto tempo atua nesse segmento do jornalismo?
2. Para você, quais têm sido os principais desafios na sua rotina produtiva em relação ao uso da tecnologia? Comente sobre isso.
3. Existe pressão para os profissionais do webjornalismo em relação ao tempo? Como eles costumam lidar com isso?
4. Com o surgimento de novas mídias e ferramentas, como lida com a questão dos avanços tecnológicos?
5. Existe algum tipo de ajuda em relação a isso para os profissionais que têm dificuldade ou cada um precisa se virar sozinho?
6. O que considera positivo e negativo para o trabalho do profissional do webjornalismo em relação ao avanço da tecnologia e ao surgimento de novas mídias e ferramentas?
7. Acha que a idade (a experiência) favorece ou desfavorece em relação a saber lidar melhor com a tecnologia? Por que?

9. APÊNDICE B - ENTREVISTAS

Grupo 1

Pergunta 1 - Foi uma escolha trabalhar com webjornalismo? Por que? Há quanto tempo atua nesse segmento do jornalismo?

Respostas:

B: Na verdade, não foi uma escolha trabalhar com webjornalismo. Durante o curso de jornalismo, eu comecei a estagiar na rádio CBN Tocantins, no Grupo Jaime Câmara. Me esforcei e fui contratada como repórter da rádio em 2012. No ano seguinte, eu soube que o G1 seria instalado no Tocantins e percebi que seria uma grande oportunidade de ter novas experiências. Enfim, o webjornalismo apareceu no meu caminho e eu tomei posse. A empresa

abriu uma seleção interna, eu concorri e consegui a aprovação. O site começou a funcionar em junho do ano de 2013 e me orgulho de fazer parte da equipe pioneira. Atuo no webjornalismo há oito anos, além de também fazer parte da equipe de telejornalismo da TV Anhanguera.

C: Sim, trabalho com jornalismo desde 2014 e tive uma breve passagem pela produção de TV. **Descobri que me identifico mais com a Web** pela linguagem e as pautas que costumam encontrar mais espaço na internet que em outros veículos. Se tratou de uma decisão baseada no meu perfil profissional.

A: De certa forma foi uma escolha sim, porque eu nunca gostei muito de televisão e rádio mais ou menos. Então quando eu me formei na faculdade eu procurei primeiramente um veículo impresso porque eu queria ter essa experiência do impresso também e hoje em dia a gente sabe que principalmente os veículos impressos precisam estar no meio web porque já é difícil ter sobrevivência com o meio web, imagina se estar no mundo online, no mundo digital. Então quando eu entrei no veículo ele era impresso e digital e com os anos ele ficou somente digital. Então, de certa forma, foi uma escola. E logo que eu entrei migrei para trabalhar somente com o digital eu quase não trabalhava com a versão impressa. Eu atuo nesse segmento há 6 anos mais ou menos.

Pergunta 2 - Para você quais têm sido os principais desafios na sua rotina produtiva? Comente sobre isso.

Respostas

B: Com o avanço da tecnologia, nós passamos a ter acesso a várias informações, quase que momentâneas. As pessoas estão com o celular na mão e registram os fatos, acidentes, prisões, fenômenos naturais. Em questão de minutos, tudo isso já está circulando nas redes sociais, nos grupos de aplicativos de conversas. Então, um dos **nossos principais desafios é publicar a notícia de forma rápida, sem abrir mão de uma boa apuração**. O nosso lema é apurar o fato junto à diversas fontes para não correr o risco de levar informações equivocadas. Porque muito do que circula na internet também é fake, ou não aconteceu daquela forma exatamente. A nossa missão é filtrar, checar, buscar os lados envolvidos e publicar o texto de forma clara, de modo a informar todos os públicos. **Outro desafio é oferecer ao leitor uma reportagem diferenciada, com um tema atual, diferente do que outros portais fazem, com variedade de fontes, imagens fortes, já que o factual é o foco e tem lugar importante dentro das redações**.

C: Para mim, **o maior desafio vem do fato de que o Tocantins não é um estado com a característica de ter notícias factuais relevantes todos os dias**. Como o veículo em que

trabalho é mais focado em Hard News do que em matérias de comportamento, **acaba sendo um desafio nos dias em que há menos fatos ocorrendo manter o fluxo de notícias**. É preciso criatividade para entrar notícias que estejam dentro do que é o padrão editorial do site e que nós tenhamos recursos para produzir.

A: Os principais desafios que eu encontro na minha rotina produtiva é com relação a demanda de produção. Tanto produção de conteúdo especificamente jornalístico para matérias como produção de conteúdo para redes sociais e outros mecanismos e ferramentas digitais. Quando falo em produção não é no sentido de produzir, mas no sentido de conseguir conciliar tempo, produção com toda essa demanda. **Porque hoje o profissional tem que ser muito tudo.** Ele tem que saber fazer um pouco de tudo e ao mesmo tempo tem que competir com os outros sites, outros veículos. Então é uma questão de saber manusear todos esses elementos e **conseguir produzir um conteúdo dentro de um tempo favorável e cumprir as metas que as empresas e que os leitores querem.**

Pergunta 3 - Existe pressão para os profissionais do webjornalismo em relação ao tempo? Como eles costumam lidar com isso?

Respostas

B: Existe a pressão, sim. Isso porque **o objetivo dos sites é dar a notícia em primeira mão e, com isso, sair na frente e atrair a audiência.** No meu ambiente de trabalho, nós lidamos com o tempo de forma muito responsável. Há a busca pela rapidez, mas só publicamos no momento em que temos certeza. Às vezes, preferimos publicar depois, mas com a certeza de que a notícia foi checada e confirmada pelas fontes oficiais. Não ceder à pressão do tempo é importantíssimo e um dever de responsabilidade para com o leitor.

C: Essa pressão existe, mas não é diferente dos demais veículos. **Todos os portais, rádios, jornais e redes de TV que trabalham com jornalismo diário trabalham também com prazos.** A diferença principal é que em um site é necessário fluxo. As notícias precisam ser publicadas ao longo de todo o dia e não entregues todas juntas em uma determinada hora marcada. Lidar com isso é questão de organização e disciplina.

A: A pressão com relação ao tempo, existe. Ela já foi maior. Hoje é um pouco mais tranquilo em relação aqui. Como todo mundo produz um assunto, hoje em dia já vejo que a necessidade de ampliar esse assunto, de aprofundar esse assunto, às vezes, é muito mais importante do que dar esse assunto em primeira mão. Mas **existe sim uma pressão porque por mais que você deixe para ampliar o assunto, se você deixar para publicar determinado**

conteúdo muito depois de outros veículos, você é pressionado, nesse sentido, principalmente.

Pergunta 4 - Com o surgimento de novas mídias e ferramentas, como lida com a questão dos avanços tecnológicos?

Respostas

B: Em relação às novas ferramentas, não temos grandes dificuldades. O portal g1 Tocantins, onde trabalho, tem uma equipe nova e atualizada. Quando o site iniciou no estado, em 2013, uma equipe do g1 São Paulo veio até Palmas para nos ajudar com o sistema, cadastro de fotos, publicação de reportagens e edição de vídeos que vão ao ar nos telejornais e precisamos cadastrar no site. Esse trabalho todos da equipe temos conhecimento para fazê-lo.

C: A adaptação é uma necessidade profissional em todos os mercados. O aprendizado pode se dar através de cursos, palestras e treinamentos e também de forma intuitiva. Boa parte das novas tecnologias é pensada pelos programadores para ser auto explicativa. Um exemplo é a ferramenta que estamos usando para nos comunicar agora. **Ninguém fez um treinamento para lidar com o WhatsApp, mas todos aprendemos a utilizá-lo. Atualmente ele é parte importante da cadeia de produção de notícias em grande parte das redações,** por ser o principal meio de contato com determinadas fontes. Cada nova tecnologia trará desafios próprios. Elas precisam ser avaliadas de forma individualizada, não há uma regra coletiva.

A: Eu tento aproveitar deles o máximo possível na forma positiva para facilitar o meu dia-a-dia, mas também eu tento colocar isso somente para o lado profissional. Por exemplo: fora do meu serviço, quando chego em minha casa eu tento evitar usar essas ferramentas e os meios que utilizo profissionalmente. Utilizar somente o pessoal e me desligar um pouco para não ficar sobrecarregada porque a gente sabe que **hoje em dia basta você ligar seu celular que você é bombardeado de informação.** Então até mesmo a gente que trabalha com informação precisa de descanso, de um momento de leveza no dia-a-dia. **A minha ideia de trabalhar com mídias e ferramentas é saber equilibrar a questão pessoal e profissional para não deixar uma interferir na outra e eu conseguir produzir melhor, jornalisticamente falando.**

Pergunta 5 - Existe algum tipo de ajuda em relação a isso para os profissionais que têm dificuldades ou cada uma precisa se virar sozinho?

Respostas

B: Como falado na resposta anterior, a **equipe é atualizada e preparada para fazer o trabalho proposto. Há ajuda para tudo o que precisamos fazer no dia a dia. A empresa**

também nos fornece cursos da Uniglobo sobre várias temáticas, inclusive sobre jornalismo e novas mídias.

C: Depende. **Em redações de empresas de grande porte, como é o caso do meu local de trabalho, cada vez que uma nova tecnologia é adotada há um treinamento específico.** Posso citar, por exemplo, a conversão do Easy News para o i News, que teve amplo treinamento por parte da equipe técnica. No entanto, se um jornalista pretende aprender a utilizar programas específicos não usados no cotidiano da redação, simplesmente para se tornar um profissional mais completo, isso fica sob responsabilidade dele, não da empresa.

A: Aí varia muito de acordo com o perfil dos seus colegas. Por exemplo, têm colegas que têm esse perfil mais de ajudar, mais de auxiliar. Tem colegas que não têm esse perfil. Eles se isolam mais e tal. **Então isso é muito relativo. Mas por mais que você tenha um grupo de colegas de trabalho de profissionais que auxiliem você, é importante você ter o arca bolso, a quantidade de estrutura e elementos necessários para se virar sozinho porque às vezes você realmente tem eu se virar sozinho,** tem que ir atrás do tempo perdido, digamos assim.

Pergunta 6 - O que considera positivo e negativo para o trabalho do profissional do webjornalismo em relação ao avanço da tecnologia e ao surgimento de novas mídias e ferramentas?

Respostas

B: O ponto positivo é que, **temos várias ferramentas disponíveis diariamente.** Hoje, conseguimos fazer uma reportagem inteira sem sair da cadeira. **Fazemos entrevistas por telefone, por e-mail, pelo zoom, por chamada no WhatsApp, por conversas no WhatsApp, por direct no Instagram, a partir de vídeos publicamos no tik tok. Com a tecnologia, quebram-se as barreiras e fronteiras.** Nós temos contato com pessoas espalhadas pelo Tocantins e pelo mundo. Certo dia, fiz uma reportagem sobre chuva registrada em plena seca na região norte do estado. Coloquei nos stories do Instagram que precisava conversar com pessoas de algumas cidades sobre a chuva, elas me responderam no direct, mandaram fotos e vídeos. Eu consegui três ou quatro personagens. Como eu teria acesso a essas pessoas ou elas a mim?

Hoje também ficamos sabendo de várias histórias interessantes espalhados pelo estado. Nesse ano, um jovem entrou em contato comigo pelo Instagram falando sobre a avó dele, de 103 anos, que estava fazendo sucesso na internet. Dona Selvina dançava, plantava, aproveitava a vida feliz. Fizemos reportagem para o G1 e para a TV Anhanguera, por meio do zoom e com

imagens que o próprio neto fez da avó. Uma reportagem linda, com participação do telespectador.

Sem falar da contribuição que recebemos de tocantinenses que moram em outros países. É possível entrevistá-los sobre os acontecimentos que marcam o mundo, pandemia, vacinação, tragédias.

Outro benefício é a possibilidade de termos acesso a vários documentos e dados, que podem ser coletados através de portais da transparência de órgãos oficiais. Por meio deles, fazemos reportagens com números sobre os gastos do poder público, sobre crimes, acidentes, sobre diagnósticos de doenças e muito mais.

Eu vejo mais pontos positivos nesse surgimento de tecnologias e mídias. É claro que hoje, muitas vezes, a notícia é publicada primeiro nas redes sociais por pessoas que estão sempre atentas com o celular na mão. Eu, particularmente, não vejo como um problema. Até porque a população em geral ainda entra nos portais para verificar a veracidade da informação e ter mais detalhes sobre o fato.

O ponto negativo aparece quando os jornalistas pegam uma informação que chegou até ele e não faz a checagem correta. O profissional pode ser levado a publicar notícias falsas ou equivocadas.

Inclusive, com tantas informações que circulam, não dá pra saber o que é verdade ou mentira. Por causa dessa demanda, o portal g1 criou a editoria "Fato ou Fake", justamente para esclarecer a população sobre todo o conteúdo que acaba viralizando.

C: O lado mais positivo é o contato facilitado com fontes que estão a distância e muitas vezes em locais remotos. Também há a grande vantagem da possibilidade de produção de vídeos e imagens sem necessidade de deslocar equipes e equipamentos caros a grandes distâncias, o que possibilita a cobertura de notícias que em outros contextos não chegariam aos meios de comunicação. A grande desvantagem é a proliferação de notícias falsas ou enganosas, que precisam ser constantemente apuradas nas redações, em redes sociais e outras plataformas. Também há o problema da mecanização do trabalho. Já há casos de produção de notícias utilizando tecnologia de inteligência artificial, o que aponta para uma piora nas condições de trabalho e nos salários da categoria.

A: É tudo positivo e negativo. O lado positivo é que facilita, mas ao mesmo tempo que facilita a produção jornalística, essa facilidade também pode fazer com que se venha a cometer erros e recriar, reproduzir alguma notícia que tenha um fundo falso ou ficar preso a essas facilidades e cometer um erro na hora da apuração, isso é possível. Mas que facilita

muito, facilita. E também ajuda naquilo que eu falei anteriormente, que é **produzir com mais rapidez um conteúdo mais aprofundado ou facilitar no sentido em que eu consigo produzir mais de um conteúdo em determinado período de tempo**. Porque uma pessoa, por exemplo, que responde para mim no WhatsApp, em pouco tempo enquanto ela está respondendo o WhatsApp eu posso estar fazendo outra pesquisa. **Então ela facilita no sentido de tornar mais ágil, no caso esse seria o ponto positivo, a facilidade e agilidade**, entretanto o jornalismo tem que ficar mais atento para não cometer erros porque aí vem a questão do lado negativo. E outra coisa negativa e positiva que é com relação ao feedback. É sempre bom você ter um feedback do leitor, mas hoje em dia como a gente está receado de ódio nas redes sociais, o jornalista tem que saber lidar com isso porque isso pode afetá-lo de alguma forma, emocionalmente. Às vezes você precisa fazer um trabalho aí, nesse sentido.

Pergunta 7 - Acha que a idade (experiência) favorece ou desfavorece em relação a saber lidar melhor com a tecnologia? Por que?

Respostas

B: - Essa nova geração já nasceu com o celular na mão, tem muita habilidade para manusear as novas tecnologias, tem criatividade, é conectada com as mídias que vão surgindo. Isso favorece no dia a dia de quem escolheu trabalhar com jornalismo de internet. No entanto, há pessoas mais velhas, que também se atualizam, e conseguem unir a experiência na área, com os conhecimentos adquiridos sobre as tecnologias. Até porque saber manusear as ferramentas não é o principal requisito. É preciso ter esse conhecimento, mas também ter experiências com o mercado, relacionamento com as fontes, uma boa escrita e interpretação, e principalmente, ter amor no que faz.

C: Não vejo como um fator determinante. Há profissionais de idades avançadas que seguem atualizados e trabalhando muito bem com novas mídias, assim como há jovens que preferem os modelos tradicionais de trabalho. **A idade por si só não quer dizer quase nada dentro de uma redação. As melhores redações costumam ter um mix de jornalistas com muita experiência e jornalistas com propostas inovadoras.** A experiência só pode ser adquirida com a idade, mas a capacidade de inovação independe de faixa etária, uma vez que não tem lastro cronológico para acontecer.

A: Depende muito do profissional porque alguns profissionais, sejam mais novos, sejam mais experientes, eles têm um certo impedimento, uma certa resistência. Às vezes é resistência, às vezes é dificuldade mesmo de trabalhar com a tecnologia. Então **depende muito do profissional. O quanto ele está aberto para receber essa tecnologia e quanto ele também**

tem apoio porque, às vezes é realmente isso, a pessoa não tem nem um tipo de resistência com relação a determinada questão tecnológica, mas tem dificuldade e aí ela precisa do apoio dos colegas para conseguir lidar. Então quando a pessoa tem dificuldade, seja nova ou experiente, ela precisa pesquisar e estudar. Vai depender de uma série de questões relacionadas a isso. Eu tenho visto muitas experiências boas e experiências negativas com relação a isso, de pessoas que conseguiram se adequar facilmente e pessoas que não. Então vai muito da personalidade, do jeito de trabalho, de como a pessoa leva e também com ela vê o futuro do jornalismo. **Grupo 2**

Pergunta 1 - Foi uma escolha trabalhar com webjornalismo? Por que? Há quanto tempo atua nesse segmento do jornalismo?

Respostas

D: Então, **não foi bem uma escolha. Surgiu uma oportunidade e aí comecei a atuar como estagiário**, porém, o tempo foi passando e fui me adaptando até que surgiu uma oportunidade para atuar como repórter, e desde então sigo atuando na reportagem de esportes e geral. Já são seis anos no webjornalismo.

E: – Eu entrei na faculdade no ano de 2006 e me formei no **ano de 2009**. Na época, a modalidade **webjornalismo estava começando**, ainda era esse nome webjornalismo, hoje a gente chama de jornalismo digital. **Os veículos impressos já começavam a ter sites** e já alimentar os sites com o impresso também. Então **eu cheguei nesse momento** em que **estava numa transição de veículos impressos para veículos online**. E já entrei, já comecei trabalhando assim num veículo que era impresso duas vezes por semana e era online, chamado *Jornal O Estado*. Foi uma experiência muito boa. Eu atuo no jornalismo desde o ano de 2007. Quando eu estava na faculdade eu já era estagiaria e já comecei a atuar na área.

F: Nós criamos um jornal impresso em janeiro de 2009 e com o **advento da internet e do webjornalismo a gente também** seis anos. **criou um veículo de comunicação para fazer webjornalismo**. Como a gente tinha um jornal impresso mensal, com o site, **passamos a cobrir o dia-a-dia também aqui da região de Pedro Afonso**.

Pergunta 2 - Para você quais têm sido os principais desafios na sua rotina produtiva? Comente sobre isso. **Respostas**

D: Um dos grandes desafios é **a dificuldade que enfrentamos para falar com algumas fontes** - nem sempre conseguimos ir a campo para fazer fotos, ouvir com detalhes os relatos da fonte – **equipe reduzida**. Outro problema que enfrentamos quase sempre é **a dificuldade em falar com algumas assessorias - demora retornar ou confirmar informações**.

E: A rotina produtiva do jornalismo sofreu uma alteração drástica com o (M.J.C.). Isso aconteceu mais de vinte e cinco anos. Quando eu atuava entre dois mil e nove, dois mil e dez, ainda era aquele processo de produção de fazer entrevistas pessoalmente, o máximo diferente seria por telefone. **Hoje com a questão do WhatsApp, das próprias redes sociais a gente consegue cavar pauta até pelo twitter.** Um twitte que uma pessoa faz vira matéria, um post do Instagram vira matéria. Então a rotina produtiva, ao mesmo tempo que **ficou mais prática** porque tem uso de WhatsApp e outras ferramentas, ela **também sobrecarrega mais a gente.** A gente **tem que ficar de olho em mais coisas.** Hoje em dia eu trabalho na área de jornalismo político então eu tenho que saber o que eles estão falando nas redes deles, um post que eles fazem vira matéria. Então a rotina produtiva ao mesmo tempo que ficou com mais ferramentas, ficou mais sobrecarregada, trouxe uma carga maior para o jornalismo.

F: O desafio maior é conseguir **acompanhar a rapidez com que os fatos acontecem e trazer isso para o internauta.** E também **estar sempre de olho nas novas tecnologias.** A gente tem que **acompanhar o que é tendência.**

Pergunta 3- Existe pressão para os profissionais do webjornalismo em relação ao tempo? Como eles costumam lidar com isso?

Respostas

D: No webjornalismo **tem que ter agilidade,** então **quem trabalha com esse tipo de jornalismo** tem que ter consciência de que **a informação do é para já,** e não para o jornal do dia seguinte. A pressão geralmente acontece em quem vem de outra mídia, como impresso ou TV, que geralmente tem uma outra pegada de apuração e produção.

E: Com certeza. Não existe mais jornal que fecha no dia seguinte, com exceção dos jornais que estão no eixo Rio/São Paulo que ainda funciona dessa maneira, você ainda tem jornal de papel. Mesmo assim se você pegar *A Folha* online, *O Estadão* online, as matérias são atualizadas no mesmo dia. O jornal impresso já nasce velho porque no dia seguinte ele tem que trazer aspectos novos dos temas que foram tratados no dia anterior. Então **a pressão é enorme,** realmente, por produzir a tempo e **fazer com que aquele conteúdo chegue na forma de notícia e não na forma de fofoca no WhatsApp.** Por exemplo, você vai cobrir uma sessão da Câmara Municipal de Palmas e acontece um quebre pau lá, os vereadores se envolvem num debate muito acirrado que é o que acontece com frequência, se você não fizer a matéria logo, daqui a pouco está circulando trechos de vídeos no WhatsApp e aquela informação que tem conotação de notícia, acaba chegando antes se os portais não agilizarem. Esse é um exemplo que eu dou

porque aqui a gente tá cobrindo de sessão já escrevendo. Então, às vezes, antes da sessão terminar, algum tema que foi tratado ali já virou matéria e já está no ar.

F: Existe muita. Mas muita pressão mesmo, mas nós aqui, por uma questão ética e de linha editorial a gente não tem tanto essa pressa não. A gente prefere esperar um pouco mas trazer a notícia completa e não aquela coisa que só dar uma informação, daqui há pouco mais informações. A gente prefere esperar um pouquinho e trazer a notícia completa e confiável para o nosso público.

Pergunta 4 - Com o surgimento de novas mídias e ferramentas, como lida com a questão dos avanços tecnológicos?

Respostas

D: As novas tecnologias e mídias vieram para somar, e tornar o jornalismo online ainda mais interativo. Por exemplo, hoje no g1 e ge, temos um espaço para destacar publicações oficiais do governo, de alguma celebridade, atleta. Após a informação ser confirmada com assessoria, a postagem na rede sempre quase sempre é destacada na publicação jornalística.

Nas eleições de 2020, por exemplo, o g1 usou da inteligência artificial nas publicações que informavam os eleitos de cada município brasileiro. Após a conclusão do voto no município “X” - a matéria entrava na home do estado em questão – o jornalista teria o trabalho apenas de revisar a publicação.

Link da matéria que fala sobre este tema aqui

<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2020/noticia/2020/11/12/em-iniciativa-inedita-g1-publica-textos-com-resultado-da-eleicao-em-cada-uma-das-5568-cidades-do-brasil-comauxilio-de-inteligencia-artificial.ghtml> Matéria produzida pela inteligência artificial
<https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2020/11/15/dr-valdemir-barros-do-psdb-e-eleito-prefeito-de-pium.ghtml>

E: Os avanços tecnológicos vieram somar no processo de produção da notícia. E, claro, também **trazer evolução nisso.** Só que a gente **não pode esquecer os princípios básicos do jornalismo que são: investigação, apuração, checagem.** E a gente também **não pode só confiar na tecnologia,** só querer mandar áudio, só querer usar os avanços tecnológicos e perder a essência do jornalismo. Então **a gente lida com os avanços tecnológicos de maneira positiva, agregadora,** mas também sem perder a essência do jornalismo. E as novas mídias e ferramentas exigem mais jornalismo. Nós, hoje somos profissionais multe. Você faz uma matéria escrita que vai em áudio também, que vai em vídeo, então ela exige uma postura de um jornalista multe.

F: A gente tem tentado acompanhar. É muito dinâmico, né? O tempo todo surgem novas tecnologias, mas a gente busca acompanhar, apesar de ter uma equipe bem reduzida, que é uma **tendência do webjornalismo** também, reduzir muito as equipes, ficar mais enxutas devido ao momento econômico, mas tudo isso a gente tenta acompanhar, na medida do possível para ficar dentro do que a maioria dos portais de notícias estão fazendo.

Pergunta 5 - Existe algum tipo de ajuda em relação a isso para os profissionais que têm dificuldades ou cada uma precisa se virar sozinho?

Respostas

D: Então, como disse anteriormente, a pressão acontece no início da adaptação. **Mas sempre há um suporte do editor ou de algum repórter do turno para auxiliar.** Claro, que, se por exemplo, cai um avião e o repórter “x” está no plantão de 19h às 23h – esse cobre o turno geralmente sozinho. Ele vai ter o auxílio de um repórter local, ou dois, além da rede que passará dar todo suporte na apuração, gráficos e demais auxílios necessários.

E: Então, isso é **uma adaptação**, né? O profissional que chega no mercado hoje, ele chega já sabendo que **o processo de produção da notícia mudou, evoluiu e precisa ser versátil.** Então cada vez mais nós da comunicação **temos que ser versáteis.** Por exemplo, anteriormente, ah, eu não sou de tv. Eu sou de rádio, sou online. Não hoje até quem trabalha online tem que estar pronto para fazer uma passagem, se precisar, fazer um podcast, se precisar. **Hoje se estar na era multi.** Então você precisa se virar sozinho? Creio que não. Até porque a faculdade te dá uma base. É apenas uma questão de **adaptação, de especialização, de estudar e de buscar** dentro comunicação o ramo que se sente mais à vontade para atuar.

F: Olha, nós aqui, particularmente, **buscamos estar sempre fazendo cursos.** Nestes últimos dois anos em essa pandemia a ABRAJE, Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo e o facebook criaram um curso para o jornalismo local e dentro desse curso vários assuntos são abordados em relação às novas tecnologias para se trabalhar o webjornalismo. Então a gente tenta estar sempre buscando informação e se qualificando.

Pergunta 6 - O que considera positivo e negativo para o trabalho do profissional do webjornalismo em relação ao avanço da tecnologia e ao surgimento de novas mídias e ferramentas?

Respostas

D: **Mais positivo que negativo.** Não vejo como um problema, ou algo negativo. Esse avanço da **tecnologia vem sempre para somar**, a exemplo da inteligência artificial comentada anteriormente, que foi utilizada pelo portal g1, e foi um sucesso.

E: Positivo, as novas mídias e ferramentas propiciam **uma variedade maior do conteúdo e das formas de** exibição desse conteúdo, isso é positivo. Outra coisa positiva, com essas novas mídias e ferramentas **a gente consegue segmentar mais o conteúdo, fazer conteúdo para públicos específicos**, isso se torna mais fácil para agente. Outro ponto positivo é que gente **consegue ter acesso mais tranquilo a algumas fontes**, por exemplo, a pandemia mostrou isso, eu consigo entrevistar uma pessoa de Harvard mais fácil. Antes era por e-mail, agora por WhatsApp, por redes sociais, enfim. Tudo isso é positivo. E o **negativo** é que existe a necessidade que profissional não se acomode com isso. Não se **acomode com as facilidades que algumas ferramentas nos dão** como o WhatsApp, por exemplo. Muitas vezes a própria redação da Gazeta diz: Ah, eu mandei um WhatsApp para ele e ele não respondeu, mas você ligou? Não, não liguei. Então não pode esquecer que tem que tentar todos os meios possíveis, se é um assunto mais complexo que vale um vídeo, compensa sim ir pessoalmente, marcar com o cara. Então o ponto é que se correr o risco de relaxar e achar que dar só para ficar reproduzindo, só copiando conteúdo dos outros que hoje em dia é fácil, as novas mídias e ferramentas permitem isso. Então **negativo é a possibilidade do profissional se acomodar com o uso dessas mídias**. Ele deve enxergar elas como aliadas e não como algo que tira etapas do processo de produção.

F: O positivo é que você tem **mais meios de levar a informação para seu público**. E também acaba ajudando a aumentar a questão da publicidade que é o que faz manter as contas em dia. O fator **negativo é que acabou criando um imediatismo** e isso tem **gerado vários problemas**. Às vezes na **pressa de transmitir uma informação**, o veículo já faz uma postagem ali no facebook, Instagram e não falta exemplos de que não era bem aquilo que havia sido noticiado.

Pergunta 7- Acha que a idade (experiência) favorece ou desfavorece em relação a saber lidar melhor com a tecnologia? Por que?

Respostas

D: Acredito, que dentro do jornalismo você tem que está pronto para tudo, seja editorias, mídias diferentes e tecnologia. Não levo em consideração a idade para favorecer ou desfavorecer. **É uma questão de adaptação, interesse, treinamento, diálogo**.

E: Olha, essa questão da idade é uma **questão muito relativa**. Tem **profissionais pioneiros** que estão no ramo há muito tempo que **estão se adequando**, que estão vindo para a área da tecnologia, fazendo podcast, fazendo vídeos, entrando na era das lives. Isso é algo versátil. Depende da versatilidade. Acho que a idade favorece em alguns sentidos. Quem está chegando no mercado de trabalho agora, que é **mais jovem**, claro que **vai ter mais facilidade**

porque já está chegando numa era em que se está mais à vontade com as tecnologias. Sim favorece, com certeza. Mas os profissionais pioneiros, quem está no ramo há muito tempo, também vai se adequando como está acontecendo aí na Globo e em outros lugares. É um processo de aprendizado contínuo e de aperfeiçoamento, essa nossa profissão.

F: Olha, eu comecei no impresso. E no jornal impresso eu tive a sorte de ser escolhido para ser o editor do site desse jornal impresso. E com isso eu aprendi muito. Aprendi com a experiência prática, no dia-a-dia, buscando informação. Essa questão da idade, acho que para **quem já está muito há tempo no mercado** e só agora que foi ter experiência com webjornalismo, **talvez seja mais complicado**, mas para quem começou junto com ele, facilita um pouco as coisas.

Grupo 3

Pergunta 1 - Foi uma escolha trabalhar com webjornalismo? Por que? Há quanto tempo atua nesse segmento do jornalismo?

Respostas

G: comecei com jornal pelo menos 15 anos antes de se falar em se webjornalismo. Comecei no impresso em 1988. **Ir para a web não foi uma escolha. Foi uma necessidade.** Quase todos os veículos de comunicação já migraram para a internet. Na área de jornalismo trabalho desde 1988

H: Na verdade webjornalismo **foi uma consequência das mudanças que houveram na forma de levar a notícia.** Na década de noventa a gente tinha aqui ainda, um jornal que era segmentado para o público jovem, um jornal chamado *Alô Galera*, semanário. Ele chegava a mais de cem municípios do Tocantins através dos malotes da Unitins, das universidades. E nós criamos o primeiro site de jornal no estado do Tocantins foi do *Alô Galera*, um projeto muito bacana que a gente fez, na época, com o Renan e a alimentação dele era sempre eu trocava de edição, a gente subia a edição para a internet para o pessoal poder acessar, no começo ainda. E em 2008 o cenário político do Tocantins muito disputado, eu já não estava mais rodando jornal impresso, resolvi montar um blog que era o *Blog da Tum* e cobrir as eleições de 2008. Daí para o site foi um pulo. Em 2009, já no final de março a gente resolveu profissionalizar e lançar o site Robert Tum já com editorias e com a cobertura política mais ampla. Na época o Cleber Toledo era pioneiro fazendo jornalismo na internet diariamente e a gente colocou o site Roberta Tum. Me lembro que em janeiro de 2010 nós éramos o terceiro. O primeiro era Cleber, depois era Conexão e Roberta Tum era o terceiro, ainda antes de fazer um ano. E fechamos 2010 na

frente dos outros dois devido a cobertura política que fizemos, muito ágil e muito transparente daquela campanha.

I: Desde o final do ano de 89 eu venho trabalhando com jornalismo entre outras atividades. Inicialmente jornal impresso, trabalhamos com o jornal *A notícia*, depois com o jornal *Coquetel*, que era um folheto, a partir de janeiro de 1990 e esse jornal permaneceu em atividade por vinte e cinco anos. O jornal impresso. Nós fomos para o webjornalismo. **Foi um processo natural, uma convergência natural para o webjornalismo.** Hoje temos o jornal *coquetel.com.br*. Desde 2008, praticamente nós demos muito mais atenção ao webjornalismo e depois acabamos até mesmo extinguindo o jornal impresso e mantendo apenas essa plataforma online.

Pergunta 2 - Para você quais têm sido os principais desafios na sua rotina produtiva? Comente sobre isso.

Respostas

G: - principal de todos é **encontrar na minha região pessoas qualificadas para trabalhar e dispostas a enfrentar os desafios da produção diária de conteúdo e pensar a rotina e o futuro do site.**

H: O desafio nosso atual, a nossa plataforma foi desenvolvida em 2012, essa que nós usamos hoje e de lá para cá, nós fizemos alguns ajustes nela. Em 2012 a gente lançou o portal T1 Notícias com doze editorias. A gente cobria tudo, turismo, agronegócio, coisas que hoje já não estão mais sementadas assim. Foi um momento bom, um momento em que o faturamento da gente permitia ter uma equipe ampla, ter coluna social, enfim, ter realmente um portal bem estruturado. Ao longo do tempo o mercado mudou muito forçando a gente fazer ajustes nos custos. E o maior desafio com relação ao uso das tecnologias da informação foi **o surgimento das redes e a necessidade da gente se adaptar a elas. Hoje o site, o portal que ficar esperando o leitor chegar na sua página, perde muita audiência.** Então ele **vai buscar o leitor nas redes** porque nas redes ele está buscando entretenimento, mas ele também se atenta à informação que é útil para ele. E **essas ferramentas mudam muito rápido e a gente precisa estar atento ao comportamento do nosso público e ir se ajustando.**

I: Os desafios da rotina de produção no webjornalismo são basicamente, você **correr contra o tempo.** A gente sabe que **a competição se acirrou muito por conta da imediatividade das comunicações.** E outro desafio enorme é justamente **com relação a apuração, você está tendo tempo para apurar, para efetivamente, se cercar, dar segurança para a publicação.** Isso, acredito ser os principais dos desafios que a gente tem na rotina do

webjornalismo. Então são situações que a gente precisa ir superando no dia-a-dia, mesmo que, por vezes, retarde uma publicação, é sempre preferível, e a gente tem adotado essa estratégia, é sempre preferível a gente **ter um pouquinho mais de cuidado na checagem, na recheagem, para não cometer deslizes** e com isso, de repente, trazer prejuízo para o serviço que a gente precisa fazer.

Pergunta 3 - Existe pressão para os profissionais do webjornalismo em relação ao tempo? Como eles costumam lidar com isso?

Respostas

G: - não entendi bem a pergunta. Mas se for o caso de publicar logo ou com urgência a matéria **sim... Lidamos de boa. Fazemos dentro do nosso tempo.**

H: Com certeza. Não existe mais jornal que fecha no dia seguinte, com exceção dos jornais que estão no eixo Rio/São Paulo que ainda funciona dessa maneira, você ainda tem jornal de papel. Mesmo assim se você pegar a *A Folha* online, *O Estadão* online, as matérias são atualizadas no mesmo dia. O jornal impresso já nasce velho porque no dia seguinte ele tem que trazer aspectos novos dos temas que foram tratados no dia anterior. Então **a pressão é enorme, realmente, por produzir a tempo e fazer com que aquele conteúdo chegue na forma de notícia e não na forma de fofoca no WhatsApp.** Por exemplo, você vai cobrir uma sessão da Câmara Municipal de Palmas e acontece um quebre pau lá, os vereadores se envolvem num debate muito acirrado que é o que acontece com frequência, se você não fizer a matéria logo, daqui a pouco está circulando trechos de vídeos no WhatsApp e aquela informação que tem conotação de notícia, acaba chegando antes se os portais não agilizarem. Esse é um exemplo que eu dou porque aqui a gente faz cobertura de sessão já escrevendo. Então, às vezes, antes da sessão terminar, algum tema que foi tratado ali já virou matéria e já está no ar.

I: - A pressão se dá basicamente do mesmo jeito há muitos anos com relação à produção jornalística. Tem os editores que acabam cobrando dos repórteres ou do redator para que a publicação saia antes da concorrência. Isso é sempre natural. Como webjornalismo tem se adotado, inclusive, a estratégia de ir alimentando onde você está se deparando com o fato em si. Então não é incomum você encontrar o próprio repórter redigindo o texto e publicando, automaticamente, e depois vai atualizando conforme vão surgindo novos dados. Eu acredito que **uma das estratégias** também que vem sendo muito utilizadas pelos jornalistas do webjornalismo tem sido **também colocar pequenas piolas do que está sendo apurado nas próprias redes sociais**, as mais importantes, **para ir chamando a atenção. É como se fosse um spoiler que se vai dando no decorrer da apuração.** Isso, de certa forma, é uma modalidade

muito utilizada atualmente que acaba sendo uma oportunidade a mais para o jornalista se manter ativo, vivo, no mercado.

Pergunta 4 - Com o surgimento de novas mídias e ferramentas, como lida com a questão dos avanços tecnológicos?

Respostas

G: - **Com a devida naturalidade. Ciente da dinâmica atual que acontece em todos os meios produtivos**, em especial na comunicação onde hoje, qualquer um pode ter um site de comunicação ou um canal de TV na web.

R.T.: **Nós lidamos nos atualizando sempre.** Nesse quesito, por exemplo, uma coisa que não existia nas redações e **hoje a gente tem é o *social mídia*, a pessoa que cuida de redes** porque a mesma notícia que é produzida no formato portal tem que ser disponibilizada no twitter em poucos toques, no Instagram com imagens, no facebook de forma que provoque interação e engajamento. Então, **a nossa maneira de lidar é nos mantendo atualizados.** Sempre trazendo para a redação essa necessidade até das editoras mesmo, assim que vai fechando o material, trazer isso para a rede e o WhatsApp, né? Que é um grande desafio hoje porque muita gente se informa através de grupo de WhatsApp. E aí a gente fica correndo sempre para estar atualizando tudo e conseguindo colocar.

I: Com relação as novas tecnologias e como a gente lida com esse aparecimento, quem trabalha no interior a coisa se dar não nesse mesmo compasso que, acredito, aconteça nos grandes centros produtores de informação. Mesmo assim **o que se percebe é que gradativamente o jornalista do webjornalismo vai incrementando.** Agora mesmo eu me referir ao **uso das redes sociais para ir encaminhando para o que está sendo apurado.** É uma das estratégias. **Com relação à tecnologia está ficando cada vez mais fácil** porque você com um smartphone que fotografa com qualidade, que filma com qualidade, você acaba editando pequenas peças e já vai disponibilizando para o público antes mesmo da matéria, da reportagem, ficar totalmente acabada. Apesar de que eu percebo que **os jornalistas mais tradicionais, e talvez** eu até me enquadre entre eles, por causa do tempo de serviço, vezes por outra eles **encontrem alguma dificuldade para assimilar esse processo de avanço da tecnologia e demoram um pouco mais.** Quer dizer, o tempo de reação deles acaba sendo um pouquinho mais lento. Mas, enfim tem sido uma mudança constante. Os jovens levam vantagem por conta da natureza deles e as aparentes proximidades que eles têm com essas novas ferramentas. Mas nos mais antigos eu percebo que além de primarem pela qualidade que sempre

os conduziram, eles ainda também estão conseguindo se adaptarem, pelo menos às principais ferramentas, aos principais avanços e com isso ganhando um pouquinho de espaço.

Pergunta 5 - Existe algum tipo de ajuda em relação a isso para os profissionais que têm dificuldades ou cada uma precisa se virar sozinho?

Respostas

G: Minha equipe é pequena e **nós nos viramos muito na intuição e na busca de novidades.**

H: No T1 notícias **os profissionais passam por um período de adaptação.** E nesse período de adaptação ele é orientado como proceder e também a gente tem meio que um, aquele antigo manual de redação foi substituído por circulares que informam qual é o processo de fazer a notícia como é que se deve se portar, por exemplo, chegou num lugar para fazer uma matéria a primeira coisa que faz é um vídeo. Esse vídeo vai para rede e já desperta o interesse de quem quer acompanhar aquela notícia, em estar acompanhando as redes. Então, **ninguém se vira sozinho, pelo menos não aqui,** porque a gente tem que deixar claro para o repórter, para o editor o que que a empresa jornalística precisa deles e como que eles vão lidar com isso.

I: Com relação a ajuda para essa atualização, eu não percebo isso assim com muita clareza. Não acho que o serviço de associações, sindicatos, possa ser dispensado nesse momento. Eu acho que eles poderiam estar fazendo bem mais, embora eu reconheça que haja esforço de determinadas lideranças classistas e atualizando. Oferecer simpósios, oficinas. Mas de qualquer forma depende muito do próprio jornalista, ele é que precisa ficar atento a isso. Oportunidade para ele atualizar seus conhecimentos tem e muita. Nessa mesma rede social, especialmente em canais especializados, em redes especializadas você encontra praticamente de tudo, hoje em dia. Então eu não vejo como um fator de dificuldade. **Não dá para ficar esperando só que os outros mobilizem. É importante que cada profissional também busque por conta própria.** Porque no fundo, no fundo, esse diferencial é o que vai transformá-lo num profissional respeitado e admirado no meio.

Pergunta 6 - O que considera positivo e negativo para o trabalho do profissional do webjornalismo em relação ao avanço da tecnologia e ao surgimento de novas mídias e ferramentas?

Respostas

G: o que considero **positivo é a facilidade de produzir o conteúdo "arroz com feijão".**
E o negativo para o trabalho profissional é a prostituição dos serviços. No que diz respeito

as tecnologias, são inevitáveis e necessárias, porém **prolifera os sites e blogs prostituindo o trabalho profissional.**

H: De **negativo, sem dúvida, a sobrecarga** porque a gente acaba tendo que fazer várias coisas. E de **positivo é porque faz com que a gente se reinvente, e exercite novas linguagens. O mercado é muito volátil**, né? Então uma pessoa que estar aqui, amanhã vai estar em outro lugar, numa outra oportunidade de trabalho e para isso esse jogo de cintura, esse aprender coisas novas é fundamental.

I: Eu acho que dá para relacionar **como positivo, exatamente, a facilidade com que você, hoje, consegue colocar os conteúdos que produz à disposição dos públicos.** Hoje em dia não precisa mais ter um jornal impresso. Eu sou do tempo em que para você publicar alguma coisa, para fazer conhecer suas ideias, não tínhamos nem internet. Tínhamos que publicar num jornal a sua opinião, tínhamos que pedir um espaço, muitas vezes implorar por um espaço para escrever um artigo. Você tinha que publicar um livro, tinha que participar de uma coletânea, da mesma forma também fazer muitas jornadas até o diretor da rádio até o diretor da rádio para conseguir um horário, comprar esses espaços. Televisão, nem se fala, mais distante ainda. E **hoje em dia, com a internet, com os avanços que a gente consegue**, com as possibilidades, **é blog, são as redes sociais, onde você externa suas opiniões.** De qualquer forma, isso tudo é um grande, um enorme avanço e o jornalista se aproveita disso também. Não só o jornalista, as pessoas comuns também fazem isso.

O lado **negativo** é que essa democracia no comunicar, acabou também nos trazendo fenômenos interessantes dos tempos atuais, como por exemplo **a propagação enorme de notícias falsas, notícias mal apuradas**, gente que não tem o mínimo conhecimento de como se produz uma informação, de que tipo de responsabilidade precisa haver para que se faça um trabalho coerente, correto para que não traga prejuízo à outras pessoas. Isso eu vejo como ponto negativo, mas enfim, é um processo. A tecnologia veio, os avanços vieram e as pessoas estão aproveitando isso, estão se aproveitando disso. Uns para o bem, outros, obviamente para o bem deles, exclusivamente. Uns trabalham para o bem da coletividade e é nesse ponto que eu vejo que o jornalista, ao invés de se sentir ameaçado, nesse período de comunicação todos para todos, na verdade é uma grande oportunidade para ele se mostrar como um diferencial. Vejo isso como um fator positivo. Os bons jornalistas, o bom jornalismo, deve se aproveitar desse momento que a gente vive, justamente, para mostrar o que ele sabe a mais dos demais. E aí então, obviamente, ser melhor aproveitado seu trabalho e ele ser mais requisitado no mercado profissional.

Pergunta 7 - Acha que a idade (experiência) favorece ou desfavorece em relação a saber lidar melhor com a tecnologia? Por que?

Respostas

G: De certa forma desfavorece, mesmo você com vasta experiência ou anos no mercado e o fato é simples: todos nós temos dificuldades para lidar com novidades com as quais não vivenciamos ou aprendemos na infância e juventude. Mas não resta dúvidas que a tecnologia, mesmo para aqueles que tem dificuldades de lidar com ela, é imprescindível e salutar em nosso serviço.

H: Eu penso que a nova geração tem mais facilidade em lidar com as mudanças tecnológicas porque é uma geração digital, é uma geração que já nasceu no digital. E nós que somos profissionais mais antigos no mercado, para nós é uma reinvenção diária. É uma coisa que eu me proponho a fazer, mas eu sou empresária, sou empreendedora. A vida toda eu procurei andar à frente, para saber o que oferecer dentro desse segmento nosso da comunicação. Mas eu trabalho com profissionais, ainda contrato profissionais da linha antiga e vejo a dificuldade que eles têm, inclusive, de fazer postagem dentro do administrador, que é a página onde o conteúdo é trabalhado antes de ser exibido. Então, realmente, a geração mais antiga tem maior dificuldade e a nova geração tem mais facilidade com as tecnologias. E já tem mais dificuldade com o texto, com a formatação de texto, em contar histórias, em como contar a história dentro de um contexto jornalístico. Essa, para mim, é a maior falha de formação desses novos profissionais que estão saindo da universidade. Eles chegam na redação e não sabem o básico de contar uma história, como estruturar um lide, como fazer uma matéria, um texto com começo, meio e fim sem ser prolixo, sem ser longo demais e também sem ser excessivamente curto. Isso tem sido um desafio, o tempo que esse profissional tem que ficar dentro de redação para aprender a fazer o que talvez a universidade poderia estar ensinando de forma mais específica.

I: A questão da idade tem esses dois aspectos que eu já venho abordando, de certa forma. Eu acho que experiência sempre cai bem em qualquer lugar, em qualquer profissão, em qualquer atividade. Você já ter passado por algo, já ter observado algo, já ter feito, de alguma forma, algo. Não quer dizer que isso vai te salvar em todas as situações. **Os mais antigos também, têm, até, mais dificuldade para dominar determinadas tecnologias.** Então eles precisam ter um esforço a mais, precisam se aconselhar mais com os mais jovens, precisam redobrar os cuidados para que, de repente, não passem batido em determinadas oportunidades. Mas eu acho que a experiência, a cabeça boa, a cabeça arejada, estar pronto para as novidades é uma das

marcas que, com certeza, traz um diferencial para o jornalista mais tradicional, mais antigo, porque ele, de repente, já tem mais habilidade para produzir um texto, para seguir os parâmetros, pode incorporar essas tecnologias, essas novidades todas à qualidade tradicional que ele traz das escolas antigas. Então tem esse aspecto. Eu considero que a dificuldade está em você ter paciência, o mais antigo ter a paciência para compreender as novas ferramentas, manusear essas novas tecnologias e também aí, uma coisa interessante, que é a possibilidade e de você firmar novas parcerias com jovens. Você pega um jovem jornalista que tem habilidade, que tem competência para te auxiliar, estou falando para os mais antigos. Vocês podem fazer, de repente, dobradinhas. A experiência do mais antigo na hora do indicativo, dos caminhos para a apuração, para a confecção do texto e, obviamente, a qualidade técnica para transformar isso tudo num produto mais apreciável para o público, mais amigável utilizando aí, todas as possibilidades que as ferramentas de comunicação podem oferecer para que se produza algo para aproximar mais o público.